

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ- UFOPA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE- ICS  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA-PAA

VERÔNICA IMBIRIBA DOS ANJOS

**A FESTA DE SÃO PEDRO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SENTIDOS DE  
PERTENCIMENTO NA COMUNIDADE SÃO PEDRO- RIO ARAPIUNS,  
SANTARÉM, PARÁ.**

SANTARÉM

2018

VERÔNICA IMBIRIBA DOS ANJOS

**A FESTA DE SÃO PEDRO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SENTIDOS DE  
PERTENCIMENTO NA COMUNIDADE SÃO PEDRO- RIO ARAPIUNS,  
SANTARÉM, PARÁ.**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à  
Universidade Federal do Oeste do Pará como  
requisito parcial para a obtenção do grau de  
Bacharel em Antropologia

Orientador: Diego Amoedo Martinez

Co-orientador: Pedro Fonseca Leal

SANTARÉM

2018

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFOPA**

---

A597a Anjos, Verônica Imbiriba dos  
A festa de São Pedro: representações sociais e sentidos de pertencimento na comunidade São Pedro – Rio Arapiuns, Santarém, Pará/ Verônica Imbiriba dos Anjos. – Santarém, 2018.

78f. : il.  
Inclui bibliografias.

Orientador: Diego Amoedo Martinez  
Co-orientador: Pedro Fonseca Leal  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, Bacharelado em Antropologia, Santarém, 2018.

1. Festas religiosas. 2. Comunidade. 3. Pertencimento. I. Martinez, Diego Amoedo, *orient.* II. Leal, Pedro Fonseca, *Co-orient.* III. Título.

CDD: 23 ed. 296.43

---

VERÔNICA IMBIRIBA DOS ANJOS

**A FESTA DE SÃO PEDRO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SENTIDOS DE  
PERTENCIMENTO NA COMUNIDADE SÃO PEDRO- RIO ARAPIUNS,  
SANTARÉM, PARÁ.**

Nota: 8,5

Data da Defesa: 16 de novembro de 2018

Hora: 09:00 horas

Local da Defesa: Sala 303 - campus Amazônia - Universidade Federal do Oeste do Pará.



**Prof.<sup>a</sup>. Ma. Dassuem Reis Nogueira**  
(Convidada)  
Avaliador(a)



**Prof. Me. Miguel Aparício Suárez**  
Avaliador(a)



**Prof. Me. Diego Amoedo Martínez**  
Orientador(a) Presidente

Dedico este trabalho aos meus avós Zuleide e Cândia. Minha mãe Rosalina e meus irmãos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me fortalecer nos momentos difíceis.

Meus agradecimentos à Universidade Federal do Oeste do Pará por ter sido, durante minha graduação, espaço de descobertas, conhecimento e amizades. Aos professores, Luciana Carvalho, Florêncio Vaz, Lucibeth Arruda, Raiana Ferrugem, Luciana França, Ângela Garcia por ampliarem minha visão e aprofundamento na Antropologia durante minha trajetória acadêmica.

À minha querida mãe, Rosalina, aos meus irmãos e ao Elvis Diniz pelo apoio e por sempre me mostrarem que eu não estava só na busca por esta conquista. E ela é nossa! Agradeço aos colegas de turma Luana Kumaruara, Emília Dourado, Juliana Fidelis, Amanda Cantal, Héfren Cristiano e Carlos Bandeira. Não poderia deixar de agradecer ao colega Marcílio Serrão pela contribuição nos últimos meses.

Aos amigos, em especial Diego Alano Pinheiro, Manuelle Lopes e Ramirez Mendes pelas generosas dicas e até consolos.

Como fui duplamente honrada no quesito orientação, minha imensa gratidão aos professores Pedro Leal e Diego Amoedo. Pedro, que primeiro abraçou minha ideia e tornou possível um norte. Em seguida Diego Amoedo, que chegou no meio da festa e com seu esforço e dedicação me ajudou a completar o sentido deste trabalho.

Muito obrigada aos que colaboraram em todas as etapas desta pesquisa me ouvindo e ajudando amenizar minha chuva de “por quês”, “como” e “quando”. Em Manaus, ao professor Sergio Ivan Gil Braga e Alvatir Carolino da Silva pelas contribuições importantíssimas durante o Programa de Mobilidade externa Nacional (UFAM) e Lídia Lopes; em Santarém, Deise Juliane e Auricélia Fonseca.

Em São Pedro, Risonaldo Costa, Almir Lopes, Edane Silva, Francisco Pinto (Seu Cacheado), Ruy Sarmiento, Manoel Osvaldo, Lourielly Pereira e ao meu sempre solícito tio Antônio Imbiriba. Enfim, àqueles que por algum descuido deixei de citar. Sem a ajuda de vocês este trabalho não seria possível! A todos da comunidade: aqui, sentimento de dever cumprido, sinto-me encerrando a festa pela qual me responsabilizei, é hora da derrubada dos mastros, quem será o próximo a pegar a bandeira?

## RESUMO

Este trabalho resulta de pesquisa realizada entre os anos de 2014 e 2018 na comunidade de São Pedro, localizada à margem direita do rio Arapiuns, afluente do rio Tapajós, Pará. Trata-se de um estudo a partir das festividades dedicadas ao santo padroeiro da comunidade, por meio do qual se analisa os processos que possibilitam a construção, reprodução e manutenção dos laços de pertencimento entre as pessoas que fazem parte daquela comunidade. Para fins de análise, o termo comunidade é abordado dentro de sua diversidade de sentidos, a fim de considerá-lo não somente como espaço físico, mas também como referência para um grupo que compartilha desse pertencimento em comum. Festa aqui, é tomado como reunião, divertimento e também como ritual ligado à manutenção da estrutura social. Para obtenção de dados, foram realizadas visitas à comunidade São Pedro no período da festa. Nessas visitas realizei observações, entrevistas e conversas com moradores mais idosos e pessoas envolvidas na festa e na comunidade. Além disso, foram obtidas informações por meio de leituras das anotações do diário de um dos fundadores da comunidade, bem como do estatuto da associação AFASP.

**Palavras-chave:** Comunidade. Festa. Pertencimento.

## **ABSTRACT**

This work is the result of research conducted between 2014 and 2018 in the community of São Pedro, located on the right margin of the river Arapiuns, a affluent of the Tapajós River, Pará. This study is based on the festivities dedicated to the patron saint of the community , which analyzes the processes that enable the construction, reproduction and maintenance of the bonds of belonging among the people who are part of that community. For purposes of analysis, the term community is approached within its diversity of meanings in order to consider it not only as physical space, but also as a reference for a group that shares that belonging in common. Party here, is taken as meeting, fun and also as ritual connected to the maintenance of the social structure. To obtain data, visits were made to the São Pedro community during the party period. During these visits I made observations, interviews and conversations with older people and people involved in the party and in the community. In addition, information was obtained through readings of journal entries from one of the founders of the community, as well as the status of the AFASP association.

**Keywords:** community; party; belonging.

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1: Localização da comunidade..	11
Mapa 2: espaço anterior à formação do que atualmente é a comunidade de São Pedro	20
Mapa 3-Organização da comunidade por quadras.	28
Mapa 4: Espaço de maior concentração de eventos festivos da festa de São Pedro	41

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Cronograma da festa de São Pedro	38
--	----

## **LISTA DE FOTOS**

Foto 1-Escola Municipal de Ensino Fundamental São Pedro	22
Foto 2 - Escola indígena Anama Julieta dos Santos.	34
Foto 3: Foliões em dia de esmolação	42
Foto 4: Apresentação dos pretos velhos no ritual de derrubada dos mastros.	44
Foto 5: mastros levantados no meio da praça.	45
Foto 6: Luminárias do Castelo presas a objetos feitos de caranã e que são levados pelos foliões durante a procissão fluvial.	46
Foto 7: Comunitários aguardando o início da corrida de rabetas.	50
Foto 8: Equipe responsável pela apresentação do Castelo e Foliões.	51

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 - A COMUNIDADE NASCE COM A FESTA</b> .....	19
1.1 - Das fontes utilizadas para a definição do problema da pesquisa: os detentores do conhecimento.....	19
1.2 - histórico da comunidade .....	20
1.3 - Fazer comunidade: a importância da escola, da igreja e o surgimento do nome .....	21
1.4 - Dois santos, duas festas.....	23
1.5 - Comunidade não se faz só na comunidade: a importância de afasp/manaus para o são pedro.....	26
1.6 - Religiosidade e identidade na comunidade .....	27
<b>CAPÍTULO 2: A FESTA DE SÃO PEDRO</b> .....	37
2.1. - Os preparativos.....	37
2.2 - A festa de são pedro atualmente.....	40
2.3 - Elementos tradicionais da festa .....	41
2.4 - A realização da festa .....	47
2.5 - Tradição e inovação .....	53
2.5.1 - Variações ocorridas na festa.....	53
2.5.1.1 - Esmolação .....	53
2.5.1.2 - Castelo.....	54
2.5.1.3 - Mastro feminino .....	54
2.5.1.4 - Corrida do círio, corrida de rabetas e natação.....	54
<b>CAPÍTULO 3 - “ COMUNIDADE TEM QUE TER FESTA”</b> .....	56
3.1 - A importância da festa para a vida de comunidade.....	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	62
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	65

## INTRODUÇÃO

A comunidade São Pedro está localizada à margem direita do rio Arapiuns, afluente do rio Tapajós, no município de Santarém, PA. Sua população é formada por seiscentos e quarenta e cinco pessoas, distribuídas entre cento e cinquenta e quatro famílias<sup>1</sup>. Uma parte dessas famílias se autoreconhece indígenas, por isso configura-se também como uma comunidade indígena. É evidente a predominância de adeptos da igreja católica, porém, também há presença de adeptos da denominação Assembleia de Deus. Tal população possui como principais fontes de renda a agricultura familiar, o serviço público e também benefícios do Governo Federal tais como aposentadoria e Bolsa Família que servem como complemento.



Mapa 1: Localização da comunidade.(Anjos, 2018). Fonte: Google Earth.

Desde minha infância tive contato com a história da comunidade São Pedro, por que meu avô, Cândido dos Anjos (conhecido na comunidade como Mimim) herdou de seu pai a prática de anotar e manter um caderno contando a história de sua vida e do lugar onde moravam. Lembro de ter lido e ouvido várias vezes sobre o início da comunidade e, como parte dela, tomei conhecimento de todo esse universo tão próximo a mim.

No ano de 2010, quando estava na cidade de Manaus fui convidada por uma tia para ir a uma feijoada realizada pela AFASP (Associação dos Filhos e Amigos de São Pedro), sobre a qual eu ainda não tinha conhecimento. Nessa ocasião fiquei sabendo que tal associação foi

<sup>1</sup> Esta informação foi obtida com a equipe de saúde da comunidade de São Pedro. Os dados foram coletados no ano de 2018.

criada para arrecadar recursos para ajudar na construção da nova capela na comunidade. Pude rever pessoas da família e conhecer outros parentes que estavam ali para fazerem uma reunião e tratarem de assuntos internos que, naquele momento, não me interessaram.

Já no curso de Antropologia, em contato com algumas leituras e discussões, lembrei do episódio da feijoada, e logo me vieram à cabeça outras relações que me faziam pensar nos processos de manutenção de proximidade. Com elas também veio o questionamento sobre o que alimentava a busca desse grupo, ou seja, da associação, em manter a relação com a comunidade. Os questionamentos seguiam no sentido de compreender: por que eles tomaram essa iniciativa? O que os levou a querer ajudar a comunidade, uma vez que já nem moram mais nela? Que relação é essa?

Das formas de demonstrar a manutenção das relações com a comunidade que me surgiram, algumas permanecem muito fortes como torneio de futebol, festas de times de futebol, promoções<sup>2</sup>, páginas em redes sociais na internet e festas dedicadas a santos católicos.

A realização de eventos festivos é recorrente nas comunidades ao longo do rio Arapiuns, assim como em outros lugares e outras regiões variando seus aspectos e objetivos, seja como homenagem a santos, festas de clubes de futebol ou datas comemorativas. No entanto, optei por fazer este estudo a partir de uma das festas de santo que acontecem na comunidade de São Pedro.

Dadas as motivações pelas quais cheguei a esse tema, gostaria de localizar-me dentro deste trabalho. Sou da comunidade de São Pedro, onde vivi até a adolescência e tenho parentes que ainda moram lá. Fui criada em uma família de católicos e não autoreconhecida como indígena. Depois que deixei de morar na comunidade, meus retornos a ela se deram apenas nos períodos das festas de santo. Durante esses retornos, percebi o quanto esse momento poderia ser privilegiado para compreender a relação comunitário-comunidade.

Ao longo da pesquisa busquei exercitar o desafio que é a observação daquilo que é, aparentemente, familiar e pôr em prática o estranhamento dessas situações, conforme proposto por Da Matta (1978:157), e problematizado por Velho (1978).

Desde já admito a minha pesquisa e seus resultados como uma das interpretações possíveis para este campo. E ressalto também que tenho clareza de que o trabalho do antropólogo é marcado por arbitrariedades e limitações das quais eu não seria capaz de sair

---

<sup>2</sup>São chamados “Promoções” os eventos realizados aos fins de semana. Tem menores proporções que uma festa de clube de futebol, por exemplo. Geralmente ocorre torneio de futebol, de taco, de dominó, bingo, vendas de alimentos entre outras coisas, atrai pessoas de comunidades próximas, mas em menor número.

ileza. Considerando o caráter disciplinado que direciona o percurso do ver, ouvir e escrever, e a capacidade de interpretação da realidade observada no ato em que esta é “embarcada para fora” conforme analisa Cardoso De Oliveira( 2000)<sup>3</sup>.

Em meados de 2014, pensando em minha pesquisa, comecei a perguntar para as pessoas da minha família a respeito da história da comunidade. A partir da demonstração do meu interesse por pesquisar algo referente àquele lugar e sua formação, percebi que as pessoas também demonstravam entusiasmo e sempre me indicavam outros com os quais eu poderia obter novas informações.

Estive na comunidade em 2014, apenas nos três últimos dias da festa de São Pedro. Nos anos de 2015 a 2017 foram as estadas mais longas (onze dias e dez dias, respectivamente) assim, pude acompanhar os preparativos finais e a semana da festa. Como nativa da comunidade, fui com a crença de que seria mais fácil me inserir naquele meio e desenvolver meu trabalho. Não foi bem o que aconteceu, haja vista que não resido mais ali, então, principalmente os mais jovens me tratavam com certa estranheza. As primeiras tentativas de aproximação maior nesse grupo não foram muito positivas.

Já com os mais velhos, fui melhor recebida. Minha madrinha (Débora) era a pessoa responsável pela ornamentação do ambiente (no ano de 2015), foi nessa equipe que me dispus a ajudar. Assim enquanto cortava bandeirolas ou as pendurava, podia observar também o movimento ao redor da igreja e ouvir as conversas entre eles.

Mesmo com toda a antecedência que se preparam, os comunitários, principalmente os que fazem parte da coordenação, continuam trabalhando bastante na semana festiva. E durante os anos que participei, foi realizada alguma reestruturação no ambiente que acontecem os festejos. No ano de 2015, reformaram e ampliaram a cozinha comunitária, em 2016 e 2017, se empenharam na ampliação do barracão comunitário, no salão e nos banheiros, respectivamente.

Durante o período de preparação, a comunidade é convocada para participar dos trabalhos comunitários. Em 2015, acompanhei um desses trabalhos que aconteceu no dia vinte e dois de junho. O número de pessoas alcançava entre quarenta e cinquenta que se distribuíam na limpeza da praça, igreja, barracão e das ruas mais próximas.

Os preparativos para a festa de São Pedro são iniciados a partir do término das festividades de São Sebastião<sup>4</sup>, que acontecem entre os dias dez e vinte de janeiro. Não foi possível acompanhar o processo desde as reuniões de planejamento até a semana da festa, mas

---

<sup>3</sup> Neste ponto ele está dialogando com Geertz a fim de fazer apontamentos sobre o ver, ouvir e escrever e suas implicações .

<sup>4</sup> Na comunidade são realizadas duas festas de santos. Sobre isso tratarei no Capítulo 1.

durante as entrevistas indaguei meus interlocutores a respeito de como se dão essas etapas precedentes.

Para a obtenção dos dados desta pesquisa, trabalhei a partir de um roteiro de entrevistas. As perguntas estavam dispostas de modo a contemplar os seguintes tópicos: História da comunidade; Festa: formas de participação; condições para participação da organização da festa; elementos que constituem a festa; recursos para festa; faccionarismos e conflitos; mudanças na festa e associação.<sup>5</sup>

As entrevistas foram realizadas no mês de junho dos anos 2016 e 2017. Dentre os entrevistados estão idosos, que contribuíram principalmente em relação ao histórico da comunidade e, também pessoas que já participaram da organização da festa ou ainda participam, seja como coordenação geral ou papéis mais específicos, tais como foliões, responsáveis por elementos como o Castelo e a apresentação dos pretos velhos, por exemplo. Por questões éticas seus nomes foram substituídos por nomes fictícios a fim de resguardar sua identidade.

O trabalho está organizado em três capítulos, sendo o primeiro intitulado “A comunidade nasce com a festa”, uma apresentação geral da comunidade de São Pedro, sua história e sua configuração social. Mostro a partir dos relatos, acontecimentos que marcam o início da construção da comunidade (promessa a São Sebastião por conta de uma epidemia), enquanto espaço de moradia e relações sociais diversas, mas também demonstro que dentro desse contexto se forma a noção de comunidade que extrapola a delimitação espacial, que se restringe a comunidade e permite novas formas de se identificar enquanto parte dela.

Dialogo com o trabalho de Wagley (1988), que trata dos aspectos da região amazônica de maneira abrangente. Esse autor aborda a relação do homem com o meio ambiente, perpassando pelas relações sociais e também pelas formas de diversão, entre elas as festas;

O autor traz uma descrição rica em detalhes, o que me atentou para aspectos que encontrei na festa de São Pedro, bem como em outros trabalhos que também tratam sobre festas religiosas. Entre eles a sociabilidade, a reafirmação no sentido de marcar diferença e a relação dos indivíduos com a entidade.

Também utilizo Galvão (1976) que fez uma análise da vida religiosa da comunidade de Itá, a fim de compreender a função social da religiosidade por meio das instituições religiosas locais, em que considera uma ligação entre essa função e a estrutura social. De acordo com Galvão (1976), a religiosidade dos caboclos da Amazônia se expressa por meio de cultos a uma

---

<sup>5</sup> Ver Apêndice A.

divindade, representada pela imagem de um santo católico e a realização de festas em homenagem a essas entidades é uma característica dessa religiosidade, tratada como herança da cultura ibérica.

Demonstro que as festas de São Sebastião e São Pedro fazem parte do calendário religioso-festivo da comunidade desde fim da década de 30 e do início da década de 60 do século passado, respectivamente. Mobilizam anualmente uma comunidade que se considera protegida de São Sebastião e que também presta culto a São Pedro. De acordo com Galvão os festejos trazem essa relação indivíduo-entidade numa espécie de contrato coletivo visando o bem-estar da comunidade no qual “existe um padrão de atitudes e de relações para com o santo que se define sob a legenda de *respeito*”. (1976:31)

Encerro o capítulo apontando para uma análise das formas de ser/fazer comunidade em São Pedro, utilizando Freixo (2009), sobre a pluralidade de sentidos atribuídos à comunidade. Desta forma, o primeiro capítulo é uma contextualização da comunidade a fim de direcionar para uma descrição mais detalhada de todo o processo festivo que é o pano de fundo desta análise.

No capítulo dois “A comunidade e a festa” descrevo a festa desde as reuniões de planejamento até a derrubada dos mastros, a fim de entender todo o processo festivo e as relações que nele se configuram. Dessa forma, busco demonstrar a mobilização comunitária para a realização do festejo, sua forma atual, bem como mudanças ocorridas.

A festa tal qual se constitui atualmente é resultado de um processo de construção que acontece desde seu início, passando por diversas alterações tanto de inserção quanto de retirada de elementos. A mudança nem sempre é bem vista por todos, mas, são também formas de adaptação aos novos cenários que se constituem na comunidade.

Dialogo com Tassinari (2003), que traz a idéia de “construção cultural” referindo-se à construção substantiva de uma cultura diferenciada, demarcação de fronteiras étnicas e formação de sentimento de unidade, realizadas a partir das experiências comuns vivenciadas pelas famílias.

Esta autora analisa essa elaboração a partir da junção de elementos que possibilitam a existência, reprodução e permanência de uma identificação em comum de um grupo. A composição da coletividade a partir de traços que são apropriados por eles de modo a conferir identidade própria. A comunidade de São Pedro tem em seu histórico de formação uma junção de famílias que já dividiam espaço, mas de forma muito mais dispersa. Quando passam a se considerar uma comunidade trazem suas experiências e vão constituindo o grupo com elementos diversos.

Tassinari (2003) afirma que as festas são momentos privilegiados para analisar a organização social. Não necessariamente estudando a manutenção de uma estrutura, mas percebendo que, dentro do respeito das práticas convencionadas na sociedade, existe abertura para a mudanças e transformações.

O capítulo três “Comunidade tem que festa”, é um esforço analítico em dar sentido ao que foi apresentado nos dois capítulos anteriores em diálogo com a literatura pensando o fazer a festa e as implicações diversas desse evento nas relações de comunidade. Nesse sentido, utilizei a noção de “invenção das tradições” Hobsbawn & Ranger (1984), a partir do qual tradição inventada é entendida como um conjunto de práticas reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, de natureza ritual ou simbólica que, por meio da repetição, visam inculcar certos valores e normas, e isso implica uma continuidade em relação ao passado, não necessariamente remoto.

Em São Pedro, a repetição da festa ano pós ano ajuda a construir um sentimento de pertencimento comum naquele grupo. Fazer a festa acontecer todos os anos é indiscutível, independentemente da situação financeira da comunidade e é reforçado entre eles a importância de manter as tradições.

Pensando na festa como ritual<sup>6</sup> que cria e mantém aspectos sociais, que reforça a coesão dos comunitários utilizo o trabalho de Turner, acerca dos rituais. Para o autor o ritual e o conflito social são aspectos estruturantes de todas as configurações sociais. (1974:24)

Nesse ponto, isso me ajuda a pensar a festa de São Pedro como um ritual importante para lembrar e fortalecer os laços de pertencimento à comunidade. Uma vez que o compromisso com a coletividade é reforçado durante todo o processo de fazer a festa e as falas dos moradores sempre remetem ao compromisso de se trabalhar em e pela comunidade.

Prado traz uma definição para festa utilizado pelos camponeses da Baixada maranhense. De acordo com o qual o termo festa denomina “as reuniões promovidas pelos moradores da região visando comemorar um santo do hagiológico católico romano, independentemente da magnitude ou das várias formas que ela possa assumir” (2007:115).

Nogueira (2008) ao realizar análise das festas populares em relação ao mercado capitalista chama atenção para o fato de que estas abarcam o presente, o passado e o futuro em que:

---

<sup>6</sup> Fortes também trata festivais rituais como mecanismos de coesão social no Norte da Costa Ouro (atual Gana). A polaridade definida e estreitada pela observação dos rituais, regras e tabus, entre os tallensi, cria uma dependência de uma comunidade em relação a outra. Dessa forma tais grupos encontram seu equilíbrio social na realização desses rituais. “É notável o modo como tais rituais separam vividamente um grupo do outro, ao mesmo tempo em que se unem na responsabilidade do bem-estar de sua região” (2014:55).

o aqui e o agora são a dimensão local da comunidade, das manifestações cotidianas; o passado é a legitimação do que se fez tradicional, no mágico, no religioso e no não religioso; e o futuro é a possibilidade de se ocupar em um lugar na memória do coletivo, de se tornar duradouro e eterno. O que viabiliza a memória social, o tradicional, é a eficácia da articulação das três dimensões do aqui-agora (2008:202).

Azevedo também chama atenção para esse aspecto das festas de santo, segundo a autora a comunidade e a memória são elementos que se entrelaçam, pois “a memória coletiva é um instrumento revelador para as intenções e experiências individuais, é uma esfera de comunicação, causa e efeito de uma comunidade” (2011: n.p). Para a autora, é por meio da memória que se abre o espaço para o sentimento de pertencimento a determinado lugar. Ela pode ser a chave para entender como uma festa permaneceu ao longo dos anos e até que ponto essa realização de festejos influencia na manutenção da estrutura.

Ao trabalhar com a noção de comunidade, procuro demonstrar alguns trabalhos que abordam esse termo, a fim de situar no campo acadêmico antes de partir para a situação empírica. Considero que, antes de falar de representações, pertencimento e vida comunitária, é fundamental demonstrar o que está se tomando como comunidade.

Silva e Hespanhol (2016) dividem os estudos sobre comunidade em duas perspectivas principais: a discussão clássica que trazia como foco principal a diferenciação entre comunidade e sociedade e considerava a homogeneidade, base territorial e o sentimento de localidade como características da comunidade. E as perspectivas contemporâneas, que consideram as diferenças individuais, além de não tomarem a base territorial como critério essencial para a sua existência, uma vez que pode haver sentimento de pertencimento à distância.

Neves (2008), utiliza o termo comunidade cuja noção está mais voltada para a ação política. No contexto específico, os ribeirinhos na região Amazônica apropriaram-se da ideia de comunidade trazido e incentivado pela Igreja católica e seus projetos, para demandar reconhecimento político e o acesso aos bens públicos advindos do Estado. Nestes sentido e recorte específico, comunidade enquanto uma noção polissêmica designa “[...] uma forma particular de delimitação de espaço social agregador, mais ou menos institucionalizado. Articula-se, aos quadros que facilitam ou reconhecem a ação pública e a representação política[...]” (2008: 94)

Para Neves:

Os significados atribuídos ao termo *comunidade* são situacionais, mas, *grosso modo*, a diversidade de sentidos obrigatoriamente reconhecida está referida à concepção geral de agregado populacional, residindo em território geralmente contíguo, integrado por uma experiência e um destino social construídos enquanto comuns(2008:77).

Mesmo esta autora ressaltando em nota de rodapé que esta definição é construída pelo que se chama de senso comum, neste trabalho é essencial considerar esse aspecto “situacional”, uma vez que busco enxergar a comunidade dentro de suas especificidades e a partir das representações formadas em um contexto local, a festa.

Freixo (2009) busca em seu trabalho compreender a pluralidade de sentidos atribuídos à comunidade na região sisaleira do Estado da Bahia. Da perspectiva analítica da autora me interessa os seus pontos de partida: pensar a comunidade como um espaço-tempo determinado pela memória histórica da comunidade; compreender a comunidade enquanto uma localidade, com seus processos de mobilização social. No caso da autora está pensando como é que os processos de mobilização social deram origem à comunidade. No estudo da autora, o espaço social se dá numa fazenda, que passa a ser comunidade e se torna referência não apenas do “trabalho social”, mas também como um lugar.

No caso deste estudo, a partir de uma festa dedicada a São Pedro na comunidade de São Pedro, procuro compreender como se configuram os elementos de produção manutenção e reprodução de sentidos de pertencimento e representações sociais sobre a vida local.

## CAPÍTULO 1 - A COMUNIDADE NASCE COM A FESTA

O objetivo desse capítulo é apresentar a comunidade de São Pedro de forma abrangente, demonstrando como a noção de comunidade nasce estreitamente atrelada a uma festa de Santo, São Sebastião, e como a comunidade inseriu também os festejos a São Pedro em seu calendário religioso e social. Mostro as tensões religiosas e identitárias, presentes em sua configuração. Além disso faço apontamentos sobre a criação e disseminação do sentido de comunidade que ultrapassa o espaço físico e cria uma rede que abrange as cidades de Manaus e Santarém via Associação dos Filhos e Amigos de São Pedro (AFASP).

### 1.1 Das fontes utilizadas para a definição do problema da pesquisa: os detentores do conhecimento.

*Quando começou aqui era umas duas ou três famílias, daí foi aumentando e essas famílias e depois de estar maior foram conseguindo através de algum conhecimento teve uma professora[...] aí foi crescendo e eles foram começando como comunidade, primeiro era uma vila, uma vilinha, uma associação de umas quatro famílias.” [...]Balbino veio do Amazonas, da Ilha do Bom vento. Esse veio mais de longe, os outros eram daqui mesmo, mas eles não moravam aqui. Pedro dos Anjos morava no Santo Amaro, ali pro Muruci morava uma família, ali pro outro lado morava o finado pai do Zé Lopes. Começou lá (na ponta). Pra cá que não tinha nada era só mato. (Willian, entrevista concedida em 27/06/2016)<sup>7</sup>*

*Ele (Rodopiano) foi o promesseiro. Ele começou o trabalho, ele convidou os amigos dele pra ajudar e ajudaram. E o papai (Pedro Santana) foi um. (José, entrevista concedida em 23/06/2016)*

Esses trechos de entrevistas, referem-se ao início da comunidade São Pedro e sua devoção a São Sebastião. A relação da comunidade com o santo e sua festividade representa um marco inicial guardado na memória coletiva (Halbwachs, 2006) daquele lugar. O histórico da comunidade foi obtido através da narrativas recolhidas via entrevistas, da memória coletiva, e também foram consultados os escritos do senhor Pedro Santana dos Anjos.

Pedro Santana foi um dos primeiros moradores de São Pedro e dedicou parte de sua vida a elaborar um registro da comunidade. Nos documentos de sua autoria, que foi escrito em uma espécie de diário, encontramos desde informações de cunho pessoal, tais como visita de filhos, doenças, acidentes e nascimentos àquelas que dizem respeito diretamente à vida coletiva entre elas as datas referentes às primeiras missas, à construção da primeira capela e as primeiras festas. Esse caderno encontra-se sob o domínio de uma de suas filhas e, no que se refere ao registro de datas e acontecimentos, mostra-se de extrema importância para a comunidade constituindo parte de seu acervo histórico.<sup>8</sup>

<sup>77</sup> Como recurso de diferenciação, optei por usar itálico para trechos de entrevistas dos interlocutores e anotações de Pedro Santana, e aspas para citações de autores.

<sup>8</sup> Ver anexo A.

Os mais idosos da comunidade foram parte de meus interlocutores para esta pesquisa, destaco aqui : Ana, Elisa, Leide e Vera, Daniela. Com exceção desta última, que mora na aldeia Braço Grande<sup>9</sup>, as outras residem em Santarém atualmente, mas sempre que podem fazem questão de estar presente nos dias dos festejos dos padroeiros. Além dessas destaco também os senhores José e Willian. Todos eles conformam um grupo dentro da comunidade destacado pelo conjunto dos comunitários, por serem os acervos vivos do conhecimento acerca do histórico da comunidade. Parte desse conhecimento é sobre o início da festa de São Pedro. As conversas e entrevistas usadas neste trabalho foram realizadas no espaço social da comunidade.

## 1.2 Histórico da comunidade



Mapa 2: Espaço anterior à formação do que atualmente é a comunidade de São Pedro (Anjos, 2018). Fonte: Google Earth.

De acordo com as fontes orais e escritas, no ano de 1939 a região do Arapiuns estava sendo afetada por uma epidemia de paludismo. Diante da situação, o senhor Rodopiano Imbiriba, que morava na localidade de São Luiz, decidiu fazer uma promessa a São Sebastião para que a doença fosse afastada. Como pagamento desse contrato ele traria para a comunidade uma imagem de São Sebastião.

São Luiz está localizada no entorno do que hoje é o espaço de maior concentração de casas na comunidade de São Pedro (ver mapa 2). Após fazer esse pedido, o promesseiro compartilhou com as outras famílias que residiam nas proximidades o seu contrato com São

<sup>9</sup> A aldeia Braço Grande fica localizada cerca de quinze quilômetros da comunidade São Pedro. Nesse local que as famílias da comunidade São Pedro praticavam maior parte de sua agricultura.

Sebastião. Tempos depois de se efetivar o pedido de Rodopiano e após o declínio da doença, ele mesmo se encarregou de obter a imagem. No entanto solicitou ajuda da vizinhança para a construção de uma capela para o santo. Foi formada uma comissão de representantes na comunidade para organizar e coordenar as atividades de construção. De acordo com o que escreveu Pedro Santana:

*O Rodopiano convidou as vizinhanças, a construir uma igreja do santo. Formamos uma comissão de representantes composta com as seguintes pessoas: Rodopiano Imbiriba, Balbino Guimarães (comerciante), Pedro Santana dos Anjos, Laurindo Miranda, Antônio Sarmento (Antonino).*

*A primeira capela foi construída em 09 de novembro de 1940, enquanto não tinha a imagem de São Sebastião, foi colocada na capelinha a imagem de São Miguel, venerada por D. Inês, esposa de Balbino Guimarães. Os fieis começaram a fazer orações nos sábados e domingo*

*Em 29 de setembro de 1941, chegou Frei Francisco José, para celebrar a primeira missa naquela capelinha. No mês de agosto de 1942, chegou a esperada imagem de São Sebastião. Logo no seguinte mês, no dia 19 de setembro, numa segunda feira, chegou Frei Raimundo. Logo no outro dia, 20 de setembro, foi a primeira missa com a presença da imagem de São Sebastião.*

*Neste mesmo dia consagraram 8 casamentos e, no outro dia, 21, mais um casamento. A primeira festa de de São Sebastião foi celebrada o dia 26 de setembro de 1943, presidida por Frei Francisco José, com grande presença de povos católicos do baixo e alto Arapiuns e do Lago Grande da Franca. A segunda festa foi celebrada em 29 de setembro de 1944, presidida por Frei Francisco José. Nesta festa já teve luz elétrica e dois leilões (Anotações retiradas do caderno de Pedro Santana por sua filha Vera).*

A partir dos relatos das pessoas mais velhas e que viveram esse momento inicial, percebe-se que as famílias que, naquele momento se juntaram para formar comunidade, já mantinham relações de vizinhança anteriormente, mas afirmam que não era ainda uma comunidade. Em decorrência da promessa foi que passaram a se juntar e trabalhar por objetivos comuns, inicialmente para construir a capela e posteriormente outros bens coletivos.

Entender que a chegada da uma imagem de um santo para aquele lugar faz com que essas pessoas se juntem e se mobilizem é também enxergar uma noção de comunidade sendo acionada. Por esse sentido dado à comunidade pelos nativos, se pode delinear uma representação de comunidade inicialmente ligado à obtenção de recursos coletivos e atrelados ao espaço físico. A busca da imagem e a responsabilidade de festejar o santo inaugura uma mentalidade que faz com que eles, por meio dessa articulação vejam-se fazendo mais do que um roçado ou uma capela, pelos relatos obtidos, nota-se que eles se veem fazendo a própria comunidade.

### **1.3 Fazer comunidade: a importância da escola, da igreja e o surgimento do nome**



Foto 1-Escola Municipal de Ensino Fundamental São Pedro. (Anjos, 2018).

A escola e a igreja católica foram dois elementos importantes para a comunidade no que diz respeito à junção de sua população. Os entrevistados contam que a diretoria conseguiu trazer professores para a escola que, começou a funcionar por volta do ano 1948. A partir disso, aqueles que estavam morando na outra margem do rio mandavam seus filhos para estudarem ou já se mudavam para a Ponta do São Pedro. Os lugares de onde vieram essas pessoas são diversos, entre eles estão a região do Amazonas, Lago Grande do Curuai e Vila Franca.

A igreja católica aparece na literatura antropológica em autores como Neves (2008), Maués (1995), Freixo (2009), Wagley (1988) e Galvão (1976) em diversas regiões como agente mobilizador desse modo de vida comunitária, sempre tentando ditar seu controle sobre elas. E nesta pesquisa a presença dessa instituição é evidente quando os mais velhos contam que eram realizadas várias festas dedicadas a santos naquele entorno: *Lá na Barreirinha faziam festa de Santana e Menino Deus, duas festas por ano. Finado Antonino Sarmiento, primo da mamãe. Lá era assim, mastro todo ano, pretos, folia.* (José). Além disso, também relatam visitas de padres nas residências que tivessem uma imagem à qual prestassem alguma homenagem. As missas representavam oportunidades para realizarem sacramentos tais como casamentos e batizados.

Com relação ao nome da comunidade, segundo os mais antigos, o lugar já era conhecido como Ponta de São Pedro, mesmo antes da epidemia de Paludismo e da promessa. A origem é atribuída a um comerciante chamado Pedro Matos, que morou por ali, mas que foi embora antes desses acontecimentos. Considerando que era comum uma família ao se instalar em algum lugar

dar um nome a ele, provavelmente foi o que aconteceu com a nomenclatura da atual comunidade:

*Dizem os mais velhos que é por que naquele tempo em toda parte que a gente andava a gente ia batizando. Que toda beirada tem um nome, né? E aí passaram aqui e batizaram com o nome de São Pedro mas, não tinha nenhum santo aqui, só o nome mesmo da ponta que é São Pedro. Agora, depois que foi crescendo, a comunidade foi crescendo também como São Pedro. E agora São Pedro é tudo (a vila), mas o dono da igreja é São Sebastião, ele que é o padroeiro daqui. São Pedro é o padroeiro do lugar (Willian, em 27/06/2016).*

#### 1.4- Dois santos, duas festas

O calendário religioso da comunidade de São Pedro é composto por duas festas realizadas anualmente: a festa de São Sebastião e a festa de São Pedro. Isso porque, o primeiro é tido como padroeiro da igreja e este último, padroeiro da comunidade. São Sebastião é celebrado no período de dez a vinte de janeiro; São Pedro é comemorado entre os dias dezoito e trinta de junho.<sup>10</sup>

Conforme já foi descrito, a história da devoção a São Sebastião está diretamente ligada à própria história da comunidade. Quanto à festa de São Pedro, tem seu início no ano de 1961, cerca de vinte anos depois de terem iniciado a homenagem ao outro santo, a partir de uma decisão influenciada pelo nome do lugar e pela relação característica do catolicismo popular, conforme apontado por Galvão (1976).

Da mesma forma que em muitos lugares de outras regiões, como se pode constatar a realização de festejos ligados a santos católicos na literatura antropológica (Wagley (1988); Galvão (1976), Maués (2005), Luíndia (2001), Carvalho (2016)), no Rio Arapiuns é comum as comunidades tomarem apenas um santo como padroeiro, a quem dedicam festejos anualmente. Na comunidade São Pedro esse modelo não se aplica, pois têm festividade para São Sebastião e São Pedro. Entre as duas festas locais aquela dedicada a São Pedro ganha maior notoriedade, por ser realizada no período das festas juninas<sup>11</sup>. Agrega elementos característicos dessas, sendo composta pelo que se chama na comunidade de *parte social* e *parte religiosa*, enquanto a de São Sebastião é considerada apenas como festa religiosa. Esses termos são usados

<sup>10</sup> Refiro-me aos festejos como um todo, mas os dias desses santos são 20 de janeiro e 29 de junho, respectivamente, seguindo o calendário da Igreja Católica.

<sup>11</sup> De acordo com Castro(2012) a origem dessas festas é atribuída por alguns pesquisadores aos solstício do verão europeu, relacionada ao ciclo da colheita e, posteriormente adaptada pela igreja Católica. No Brasil, as festividades foram trazidas pelos europeus e o mês de junho está relacionado ao solstício de inverno e também tem relação com a colheita de cultivos como o milho e o amendoim na Bahia. Este autor cita Câmara Cascudo, segundo o qual as festas juninas brasileiras são recriações de festividades europeias, que traziam um caráter mais familiar e comunitário. Apresentavam uma atmosfera ritualística envolvendo aspectos religiosos, místico, folclórico, comunitário, entre outros.

pelos comunitários para separar aquilo que é referente às missas, procissões, ladainha daquilo que é festa dançante, bebidas e jogos.

Assim, a festa de São Sebastião acontece de maneira mais interna, não atrai muitas pessoas de fora e mesmo dentro da comunidade a participação é pouco expressiva. A festa de São Sebastião inicia no dia dez de janeiro e são realizados noiturnos com ladainha<sup>12</sup> até o dia vinte. As imagens (duas imagens, a original da capela e uma réplica) são levadas para a aldeia Braço Grande e para uma residência dentro da comunidade. Ao final é realizada a caminhada do Círio na qual os fiéis percorrem o trajeto de uma comunidade a outra a pé trazendo uma imagem. A outra imagem também é levada de volta até a capela onde acontece o encerramento dessa festa.

A festa dedicada a São Pedro é tida como de grande importância para os comunitários, haja vista que o evento é considerado uma característica marcante da comunidade e, por ser um momento que abre espaço para que todos possam participar e se unir por uma coisa em comum:

*E eu acredito que isso é uma coisa muito importante assim no envolvimento da comunidade. Porque é onde todo mundo se reúne, todo mundo se organiza pra fazer alguma coisa. Na questão das danças, todo mundo quer fazer uma dança por que quer mostrar uma coisa diferente [...]Então é uma coisa assim eu acho que é muito importante porque resgata a cultura da Comunidade, dos comunitários. Eu acredito que seja muito importante para todo mundo. Tanto é que a festa de São Pedro, ela é muito mais falada do que a festa de São Sebastião que ela é religiosa. Eu acredito que só traz alegria para o povo, pessoal todo se organiza melhor pra fazer uma coisa mais bonita, né? (Débora, entrevista concedida em 23/06/2016)*

Outro entrevistado reforça a ideia de que a festa aproxima ainda mais os comunitários:

*Nesse momento da festa, a comunidade, as entidades, a gente começa então construir coletivamente, construir ainda mais junto. É preciso que nesse momento da festa o termo comunidade esteja bem junto. [...]Esse momento faz com que a gente possa até se sentir ainda mais comunitário, muitas das vezes. A gente sente que essa festa aproxima a gente de um momento que é muito difícil acontecer na comunidade. Por exemplo as pessoas se reunindo pra trabalhar coletivamente. (André, entrevista concedida em 26/06/2016)*

A festa tem duração de onze dias e é constituída por um conjunto de elementos diversos, conforme será descrito no capítulo dois. Atrai pessoas não só oriundas da comunidade e que moram em outros lugares como também pessoas vindas das comunidades da região.

A primeira festa ocorreu na década de 1960, conforme levantamento realizado através da história oral, à sugestão da professora Maria Braga<sup>13</sup>. A sua família que não era da comunidade, possuía um quadro com a imagem do santo. Ela pediu apoio de outras pessoas, entre elas a senhora Solange e a senhora Ana que foi quem me relatou esse fato. Conversaram e deram início à festa que homenageia o santo cujo nome é também da comunidade. Nessa

<sup>12</sup> Sobre esses elementos tratarei detalhadamente no capítulo 2

<sup>13</sup> Trata-se de uma figura muito conhecida na comunidade ,onde foi professora por cerca de vinte anos. Foi homenageada tendo seu nome colocado no Telecentro Cultural Prof. Maria Braga.

primeira festa realizaram apenas procissão fluvial e apresentação da folia: *Aí nós preparamos a canoa. Mas foi muito bonito. Nós fizemos a procissão, nesse ano começou. Papai que cantou o castelo(folia). Já começou com a folia. (Ana, entrevista concedida em 26/06/2016)*

Ao longo dos anos foram inserindo novos elementos. Quando indaguei sobre o porquê de realizarem outra festa uma vez que já estavam festejando São Sebastião, o argumento que ouvi foi: *Talvez para não magoar o santo. (José, entrevista concedida em 23/06/2016).*

A prática de fazer uma festa em homenagem a uma entidade sagrada, representa uma forma de prestar culto e manter uma relação de respeito com um santo, uma característica do catolicismo popular presente na região. De acordo com Galvão:

As próprias festas de santo podem ser consideradas promessas coletivas com o objetivo de bem-estar da comunidade. Acredita-se firmemente que, se o povo não cumprir com sua obrigação ao santo, isto é, festeja-lo na época apropriada, ele abandonará a proteção que dispensa. (1973:31)

Pensando nessa ligação histórico-religiosa da comunidade com os santos, São Pedro santo homônimo ao lugar e São Sebastião, o protetor do lugar, mantendo a promessa com este último, a comunidade de São Pedro mantém suas duas festas. No entanto, a festa de São Sebastião era composta por mais elementos festivos, mas, ao longo dos anos sofreu alterações que, em comparação com a de São Pedro, ganhou contornos muito mais característicos de uma festa considerada religiosa. Ao passo que a festa do outro santo manteve seus traços iniciais e ainda ganhou novos elementos (descritos no capítulo dois) que a caracterizam além do aspecto religiosos como uma festa mais *social*.

De acordo com os interlocutores essa é a diferença, não se tratando de uma questão de maior ou menor importância ou entre elas. Percebe-se que também não existe uma distinção entre os santos em nível hierárquico ou respeito no que se refere aos milagres, como por exemplo, na região do Salgado, Maués(2005) mostra que existe diferenciação no trato com os santos de acordo com a capacidade de realizar milagres.

Por ser de maior expressividade e possuir uma diversidade de eventos, a festa de São Pedro demanda muito mais trabalho, responsabilidades e planejamento. Daí a minha escolha em estudar esse evento. Fazer a festa acontecer é um processo em que se estabelecem diferentes relações e pensar na festa pode trazer elementos para uma reflexão maior acerca da comunidade, das festas e dos sentidos dados a essas categorias locais.

As pessoas que já não residem ali, não somente se envolvem na festa como forma de diversão, mas também participam de sua organização. A partir dessa circunstâncias é possível inferir que a realização de ambas as festas ultrapassa o sentido físico da comunidade e abrange o sentido de pertencimento, porém, esse aspecto fica mais explícito na festa de São Pedro. Deste

modo, a comunidade passa a representar um espaço simbólico, ou seja, um grupo que se pensa como grupo de pertença não apenas como um espaço físico comum.

### **1.5 Comunidade não se faz só na comunidade: a importância de AFASP/Manaus para o São Pedro.**

Desde a implementação da Zona Franca de Manaus, aconteceu uma mobilidade constante de pessoas para a capital amazonense, atraídos por um discurso que gira em torno da geração de emprego e a possibilidade de ter melhores condições de vida. Nesse movimento, alguns moradores da comunidade de São Pedro mudaram-se para a cidade de Manaus.

A Sra. Ana me relatou que, por volta do ano 2003 seus sobrinhos e seus filhos, residentes na cidade de Manaus, decidiram juntar dinheiro para pagar as despesas da *música* da festa de São Pedro (referindo-se à banda musical que anima a festa dançante). No entanto a ação foi refletida desde diferentes pontos de vista. Havia pessoas que entendiam que poderia ser uma estratégia, que os comunitários que não se encontram na comunidade poderiam assumir parte das despesas da festa. Teve pessoas que não concordaram com esse tipo de atuação. O consenso ao qual chegaram foi o de organizarem uma coleta e, com o dinheiro conseguido construir uma nova frente para a antiga capela. Na sequência dessa experiência, após terem posto a ideia em prática e isso ter sido bem-sucedido, decidiram dar continuidade e formalizar, fundando na cidade de Manaus, a Associação dos Filhos e Amigos de São Pedro (AFASP). Como o próprio nome sugere, se constituía de pessoas originárias da comunidade de São Pedro-Rio Arapiuns, estado do Pará. Inicialmente essa associação estava composta somente por pessoas de uma mesma família.

Já no ano 2005, o contexto em que pessoas de novas famílias entraram na associação se deu tendo como base uma situação emergencial na comunidade: parte do telhado da igreja foi danificado por conta de um temporal. Diante dessa nova situação os membros da AFASP decidiram contatar os demais membros da comunidade que residiam em Manaus com o fim de construir uma nova capela.

De acordo com o estatuto<sup>14</sup>:

Art.2º- A Associação dos Filhos e Amigos de São Pedro- AFASP terá por finalidade:

II. Promover atividades que visem o desenvolvimento social, econômico, dos moradores da comunidade de São Pedro.

Art.3º- Compete à Associação:

I. Promover palestras, cursos, reuniões, conferências, seminários, simpósios e atividades congêneres visando abordar temas de interesses da comunidade.

---

<sup>14</sup> Estatuto da Associação formulado em 2010, porém não houve tempo para que fosse registrado.

- II. Promover e estimular o desenvolvimento social, econômico, educacional e cultural na comunidade de São Pedro;
  - IX. Reivindicar junto às autoridades competentes melhorias para o desenvolvimento da comunidade São Pedro;
  - X. Firmar convênios com instituições Governamentais e não Governamentais de cunho social filantrópico, nacional e internacional em casas financeiras, conforme o caso para desenvolvimento e bem estar da comunidade São Pedro.
- Art.13- Os associados fundadores e contribuintes estão sujeitos ao pagamento da mensalidade fixada e reajustada a critério da Assembleia Geral.
- Parágrafo único:** - o pagamento poderá ser efetuado mediante carnê diretamente na tesouraria da Associação de acordo com a resolução da Diretoria

Com o objetivo de angariar recursos financeiros, definiram o pagamento de mensalidades feito à associação. À pessoa do tesoureiro cabia receber e repassar os valores para uma conta bancária em Santarém, onde havia um mediador (a sra. Ana). Esta, era responsável por revertê-los em materiais necessários para a construção e outras despesas afins. Outras formas de obter recursos era realização de feijoadas e passeios. Com essas atividades garantiam não somente a obtenção dos recursos financeiros, mas também a manutenção da relação de proximidade entre eles mesmos e entre eles e a comunidade. Porém a AFASP deixou de realizar suas atividades desde meados de 2010.

Ao analisar a multiplicidade de sentidos atribuídos ao termo comunidade em uma região baiana, Freixo chama atenção para o fato de que “[...]Perceber-se membro de uma comunidade seria, antes de tudo, residir ou, em alguns casos, descender de uma família que reside na comunidade, assim “fazendo parte” dela, mesmo que nela não mais resida” (2009: 95)

E acrescenta que:

“[...] este pertencimento não significa “isolamento” ou “fixação” ao lugar, mas, acima de tudo, que o lugar passa a ser tomado como uma referência, que de algum modo informa as vivências cotidianas das pessoas, mesmo que estas se desloquem a outros lugares”(2009: 96).

Diante desta forma de se considerar como *filhos e amigos de São Pedro* compartilhando da ideia de pertencimento e ainda contribuir para o *desenvolvimento da comunidade*, a existência da AFASP chama atenção para um importante ponto para esta análise. Isso por que possibilita pensar que a comunidade não se faz somente naquele espaço de moradia, mas que essa noção de comunidade extrapola o sentido físico e aparece ligado a sentimento de pertencimento, conforme será demonstrado ao longo do trabalho, porém através de outro elemento que é a festa do santo.

## 1.6 Religiosidade e identidade na comunidade

A população moradora da comunidade de São Pedro, é composta por cento e cinquenta e quatro famílias, totalizando seiscentas e quarenta e cinco pessoas. As casas encontram-se organizadas dentro de uma divisão administrativa que as distribui em quadras: quadra um, quadra dois e quadra três.<sup>15</sup>

A maioria das pessoas que foram entrevistadas para esta pesquisa que moram em São Pedro atualmente nasceram na comunidade, mesmo que já tenham saído para morar fora em algum momento. Dois deles vieram de outros lugares, Sebastião veio da comunidade de Vila Brasil e o senhor Adriano veio da cidade de Belém para trabalhar na empresa Santa Isabel, empresa madeireira que se instalou em uma área vizinha na década de 90.

Como esses, há outros moradores da comunidade que chegaram para trabalhar no serviço público como professores e enfermeiros, ou para trabalhar na construção de algum prédio público como escola, posto de saúde ou casas populares e constituíram família, fixando residência naquele lugar. Muitos dos que nasceram na comunidade também fizeram esse processo no sentido inverso, como é o caso daqueles que se instalaram na cidade de Manaus, e formaram a AFASP.



Mapa 3-Organização da comunidade por quadras. (Anjos, 2018). Fonte: Google Earth.

Considero importante ressaltar que a comunidade apresenta diferenças de identidade (Hall, 2006) entre grupos internos. Se prestarmos atenção à religião, a comunidade pode ser dividida em dois: a igreja Católica e a Assembleia de Deus. Se formos aplicar a lente da

<sup>15</sup> Ver mapa 3.

identidade (Hall, 2006), teríamos também outra subdivisão entre as pessoas que se autoreconhecem enquanto indígenas e as que não.

As questões identitárias são interessantes para pensar a festa. De acordo com os entrevistados, com relação às igrejas, seus adeptos não apresentam problemas na festa. Citaram, inclusive um pastor que teve participação nos trabalhos da construção da nova capela, pois ele era proprietário de um pequeno barco e cedia para transportar areia e pedra. Eles dizem que os evangélicos, se convidados, ajudam nos trabalhos comunitários e até contribuem com coletas para a festa. Alguns participam das reuniões dando ideias e algumas vezes são vistos na festa. Principalmente aqueles que mudaram de religião, mas parte da família ainda permanece católica.

Quanto à presença de famílias indígenas na comunidade, também disseram não haver problemas na festa. Citaram a dança indígena “Os nativos”<sup>16</sup> como forma de participação dos indígenas no festival folclórico. Outra participação foi que ano de 2015 a abertura desse mesmo festival foi feita com um ritual realizado pelos indígenas da comunidade. Isso para falar da presença deles na parte de realização, mas há também participação de outras formas, nas coletas, nos trabalhos comunitários referentes a festa e, inclusive na organização.

Mas afirmam que já tiveram problemas por causa dessa identidade, principalmente no início do processo de autoreconhecimento. Depois por causa da implantação de projetos que beneficiariam os indígenas e por último, por conta do reconhecimento da escola como indígena. Hoje, segundo eles, o problema está amenizado.

Trinta famílias auto reconhecidas como indígenas da etnia Arapiun estão no censo feito pela cacique Laura. De acordo com o relato dessa liderança, o processo de autoreconhecimento teve início em 2001 quando houve um encontro dos povos indígenas do Baixo Tapajós na comunidade de São Francisco, Rio Arapiuns.

A comunidade é considerada comunidade indígena de São Pedro e não uma aldeia. Essa diferenciação se dá de acordo com o número de pessoas autorreconhecidas como indígenas em uma comunidade. Se a totalidade se diz indígena, considera-se uma aldeia, mas se isso acontece apenas com parte das famílias, então se diz que há uma comunidade indígena dentro daquela outra. As comunidades, cuja maioria se auto identificou como indígena, passou a substituir a denominação comunidade por aldeia (Vaz, 2013: 144).

Os problemas referentes a presença indígena na comunidade são tratados de forma velada por ambos grupos. Existe um longo histórico de tensões que afetam as relações sociais

---

<sup>16</sup> Em um dos relatos, uma entrevistada disse que a dança representava uma forma de resistência, pois só assim podiam mostrar sua cultura.

e que indiretamente podem aparecer também em momentos de preparação e realização da festa aqui estudada. Na maioria das entrevistas quando perguntados sobre a relação dos indígenas com os não indígenas, os interlocutores buscam enfatizar a vida de comunidade independentemente dessas diferenças.

Diante disso, vi a necessidade de conhecer sobre o tema. Para compreender em contexto local como se configuraram as tensões e indisposições que dizem respeito ao processo de reconfiguração identitária e à presença de famílias auto reconhecidas como indígenas, falarei um pouco sobre a trajetória do movimento indígena de maneira mais abrangente. A comunidade de São Pedro tem forte participação por meio de seus comunitários nessa luta e seus desdobramentos e, assim como outras comunidades que fizeram parte desse processo, herdou problemas que se arrastam ao longo dos anos.

São Pedro está situada dentro da Reserva Extrativista Tapajós- Arapiuns, criada por meio do Decreto presidencial s/nº 06 de novembro de 1998<sup>17</sup>. A demanda pela criação de uma reserva naquela área se deu pelo fato de que as comunidades da margem esquerda do Rio Tapajós e da margem direita do Rio Arapiuns vinham enfrentando problemas relacionados à entrada de empresas madeireiras e avanço da exploração e desmatamento.

Organizaram-se em defesa de seus territórios que vinham sofrendo ameaças e mais de sessenta comunidades solicitaram oficialmente junto ao Governo Federal a criação de uma reserva. No processo de mobilização eram realizados encontros, assembleias e reuniões a fim de levar conhecimento acerca dos direitos que gozavam e a possibilidade que tinham para defender suas terras mesmo não possuindo documento de propriedade.

No início a articulação contava com a participação de diversos agentes tais como ONGs, instituições e movimentos sociais empenhados na criação da Resex, pois, segundo Ioris (2010), isso representava mais que o fim da disputa pela posse da terra, mas também a autonomia, a preservação de seus modos de vida e a forma de se apropriar do território.

Até esse momento nenhuma comunidade havia se autodeclarado publicamente como indígena na região. Porém, no mesmo ano da criação da reserva, uma comunidade localizada no Rio Tapajós se declarou indígena e solicitou o reconhecimento de sua identidade junto à FUNAI.

Em 1997 foi criado o Grupo Consciência Indígena- GCI, a fim de trabalhar a reconstrução identitária por meio da divulgação da cultura indígena. Mais tarde, no ano 2000, para organizar o crescente número de aldeias que se auto identificavam criaram o CITA-

---

<sup>17</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/dnn/Anterior%20a%202000/1998/Dnn7600.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/Anterior%20a%202000/1998/Dnn7600.htm)

Conselho Indígena Tapajós Arapiuns. A partir de então, essas instituições passaram a constituir a principal forma de representação política desses grupos atuando com as lideranças comunitárias e FUNAI na busca pelo reconhecimento dos indígenas bem como no resgate cultural junto às comunidades.

Uma vez criada e implementada a Resex, passa-se a um momento de explicitação da reelaboração étnica e cultural. Porém, o crescimento do movimento indígena na mesma região de uma recém-criada Reserva causaram um ‘racha’ (Vaz, 2013) nas relações colocando indígenas de um lado e Resex de outro, ambos acompanhados de seus aliados.

As indisposições eram acirradas principalmente por um jogo de acusações disseminadas por parte dos que defendiam a Resex, tais como perda de benefícios, impossibilidade de sindicalização e até mesmo expulsão do território entre outras, caso a área fosse demarcada como Terra Indígena. Em 2003, o clima era de muita tensão sendo necessário que GCI e CITA solicitassem a intervenção do Ministério Público para que fosse convocada uma reunião de esclarecimento entre as duas partes (Vaz, 2013).

Alguns dos que inicialmente apoiavam a criação da reserva tornaram-se grandes lideranças do movimento indígena e outros, que no início se dizia indígenas, tornaram-se depois oposição declarada. De um lado o número de pessoas e comunidades identificando-se como indígenas crescia e eram feitas diversas reuniões e encontros para articular e continuar a luta. Porém, o outro lado também trabalhava para sustentar sua posição e aumentar seus aliados. Ambos os lados tinham lideranças que exerciam forte influência dentro das comunidades.

Os indígenas ainda tinham alguma representatividade dentro da Tapajoara, a associação da Resex, porém em 2002, na eleição para nova coordenação, a chapa apoiada por eles foi derrotada pela chapa da oposição. Sentindo-se prejudicados pela forma como ocorreu a campanha e, discordando das decisões deliberadas nessa nova gestão, os indígenas decidiram retirar-se das negociações (Vaz, 2013).

Toda essa situação, que segundo Vaz, envolve interesses políticos e financeiros, deixou marcas negativas para o movimento dos indígenas do Baixo Tapajós e Arapiuns, pois além da perda de aliados houve uma estagnação no crescimento do número de autoidentificações (2013:154). Nas comunidades, o ‘racha’ produziu conflitos que ameaçaram durar por muito tempo ainda. Mas os indígenas não se intimidaram e continuaram resistindo em busca de sua autonomia e liberdade.

De acordo com relatos, a mobilização da comunidade de São Pedro pela criação da Resex iniciou por conta do desmatamento ilegal feito pela empresa Santa Isabel, em uma grande

área localizada próxima à aldeia Braço Grande. Além disso, o igarapé do Muruci, principal forma de acesso entre São Pedro e Braço Grande estava sendo obstruído pela empresa.

Diante disso, a comunidade exerceu um papel muito importante dentro das articulações. Posteriormente, quando o movimento indígena começa a tomar formas mais explícitas, em São Pedro não se fazia muita distinção dos que eram do movimento daqueles que eram da Resex, considerando que ambos se faziam representar mutuamente. Quando houve o encontro ao qual a cacique se referiu, que aconteceu em São Francisco- Arapius, a comunidade de São Pedro foi convidada.

De acordo com relatos de entrevistados, esse encontro foi marcante para a decisão de autorreconhecimento da comunidade, pois a tomada de consciência sobre a identidade indígena fez com que cerca de noventa e seis por cento das famílias se identificassem como indígenas. Isso tornava São Pedro, a maior comunidade indígena da região. Nela foi realizado o III encontro dos Povos Indígenas do Tapajós e Arapiuns, no período de 30 de dezembro de 2001 a 01 de janeiro de 2002, onde se reuniram as comunidades do Baixo Tapajós.

Acontece que, havia um projeto sendo negociado entre a Associação Tapajoara, CNS (Conselho Nacional dos Seringueiros) e o Centro de Serviços para a Cooperação no Desenvolvimento (KEPA) da Finlândia. Porém essa verba não poderia ser liberada para financiar comunidades indígenas. Após essa cisão, as lideranças da comunidade que faziam parte de São Pedro, que estiveram inicialmente unidas, tomaram rumos diferentes. Por gozarem de grande influência, não só se retiraram do lado dos indígenas, como também convenceram muitas das famílias a deixarem de assumir a identidade.

A comunidade ficou dividida e o número de famílias indígenas já havia se reduzido significativamente. Os não indígenas passaram a produzir discursos a fim de enfraquecer de uma vez o movimento indígena. Começaram a surgir boatos de que quem não se assumisse como tal perderia suas terras e outros benefícios, tais como aposentadoria, auxílio maternidade, Bolsa Família, entre outros.

A partir de então, as relações ficaram tensas e os indígenas eram frequentemente alvos de preconceitos dentro das instituições, recebiam apelidos, inclusive na escola não podiam usar suas pinturas. De acordo com relatos, nunca houve embate direto ou físico, mas a tensão se dava por meio de conversas que circulavam, ou protestos do tipo que alguns daqueles não autoreconhecidos como indígena, aproveitando ocasiões como reuniões comunitárias levavam cartazes ordenando: *fora indígenas*.

Em 2009, o clima se acirrou pelo fato da Escola municipal de Ensino Fundamental São Pedro, ter sido reconhecida na Secretaria Municipal de Educação- SEMED como escola

indígena. A mudança foi vista como ameaça pelos não indígenas, que disseram não ter sido consultados e se mobilizaram no sentido de reverter a situação, inclusive com paralização do funcionamento da instituição.

Foi necessário pedir intervenção do Ministério Público para mediar a situação. Por conta da insatisfação, os não indígenas retiraram e jogaram ladeira abaixo o marco histórico que havia sido colocado pelos indígenas no meio da praça central, em decorrência do III encontro dos Povos Indígena Tapajós e Arapiuns. Segundo relatos, o procurador federal, após a audiência pública pediu para que o marco fosse resgatado e novamente colocado no lugar por aqueles que o haviam retirado.

A escola deixou de ser indígena, e não foi permitida a lotação de uma professora que havia sido selecionada sob o argumento de que não permitiriam uma indígena dando aula para alunos cujas famílias não se reconheciam como tal.

Os indígenas viram-se derrotados, mas não deixaram de lado o desejo de ter uma escola de ensino diferenciado e conseguiram, pois, desde 13 de fevereiro de 2016 está funcionando uma escola indígena. No primeiro ano era apenas uma sala de aula anexa de um polo que funciona na comunidade de Nova Vista<sup>18</sup>. Iniciou com 4 funcionários e 15 alunos e oferecia turmas da educação infantil ao 4º ano, denominada Anama Julieta dos Santos. São oferecidas duas disciplinas específicas: notório saber e língua nheengatu

---

<sup>18</sup> Comunidade indígena vizinha à comunidade São Pedro.



Foto 2 - Escola indígena Anama Julieta dos Santos. (Anjos, 2017).

No final de 2016, houve um problema interno na escola de não indígena que ocasionou um conflito de proporções expressivas na comunidade. Muitos dos pais de alunos optaram por retirar seus filhos da instituição e coloca-los para estudar na Anama. A ideia foi aceita pela direção da escola indígena que saltou para o número de 48 alunos e precisou ampliar o quadro de funcionário para dez. Também construíram mais três salas de aula para receber os novos estudantes. A Anama continua como anexa de Nova Vista, não como sala de aula, mas já como escola, e as lideranças já estão solicitando para que agilize seu processo de emancipação.

Conseguir a sua própria escola também representa ter um espaço para realizar suas festas, reuniões e rituais. Segundo relatos, após a conquista, não tiveram mais problemas e dizem estar vivendo *em paz*. Inclusive, os indígenas vem realizando a própria quermesse junina e seus eventos relacionados à sua identidade dos quais a outra escola e a comunidade em geral é convidada e participa.

Com relação à participação na festa de São Pedro, alguns indígenas, a nível individual, após terem tido algum tipo de problema em relação à sua auto identificação mantiveram-se afastados de sua organização, mas no caso específico da atual cacique, ela e sua família dizem nunca ter deixado de ajudar de outras formas como nos trabalhos e nas coletas. Pode-se perceber que a relação indígenas e não indígenas desde o início dessa trajetória oscila entre momentos mais tensos e momentos menos tensos.

No entanto, como já referido anteriormente, mesmo com essas diferenças, os indivíduos sobrepõem a vida de comunidade aos problemas trazidos por elas. Apesar de interferir nas relações do cotidiano e indispor familiares entre si, por exemplo, isso não se demonstrou ao longo desta pesquisa como elemento decisivo a ponto de fazer com que as pessoas deixem de se reconhecer como parte de um mesmo grupo, de uma mesma comunidade. Deve-se levar em consideração o parentesco, que aparece como um elemento que permeia todas essas diferenças. Em diversas famílias alguns membros fazem parte da igreja católica e outros participam da igreja Assembleia de Deus. Isso também acontece em relação à autoidentificação como indígena.

Esses elementos são constituintes da comunidade São Pedro e a caracterizam. As diferenças não interferem na realização da festa a ponto de se deixar de realiza-la. Essa poderia ser uma outra proposta de análise que poderei trabalhar futuramente. Por enquanto, por questões metodológicas não me aprofundarei nessa questão.

Encerro este capítulo com as seguintes considerações acerca do que ele apresentou: a comunidade foi nascida a partir de uma promessa que levou um grupo de pessoas a constituírem o que eles passaram a considerar comunidade. Essa comunidade pode ser compreendida como um espaço físico e de moradia e serviços coletivos, concretizados com:

- O ajuntamento de vizinhos que ao trazer uma imagem do santo São Sebastião, construíram uma capela e iniciaram os festejos do santo;
- Introdução de bens coletivos, tais como uma escola que possibilita fixarem moradia no mesmo espaço, ou seja, um impulso à vivência coletiva.

Um movimento de saída de pessoas para outras cidades aponta para uma nova noção de comunidade que aparece relacionada com o sentimento de pertencimento, materializada na existência de uma associação (AFASP) que contribui para a construção de uma nova igreja na comunidade e a manutenção de relações entre os *filhos e amigos* da comunidade.

A realização da festa é resultado de um processo em que os indivíduos de maneira coletiva assumem responsabilidades por meio da divisão das atividades, a partir da qual se pode ter uma noção da forma de sua organização da própria comunidade. A distribuição das equipes é definidas com antecedência respeitando um calendário organizativo da festa em questão, e que pode estar diretamente ligada com a situação de poder aquisitivo e posição social do indivíduo na sociedade, conforme demonstram Wagley (1953) e Galvão (1988).

Essa junção de comunitários abrange também aqueles que já não moram na comunidade. Dessa forma, a ocasião da festa possibilita demonstrar o compromisso de uma promessa de

caráter coletivo, que, num primeiro momento faz com que haja o nascimento de uma comunidade e posteriormente, essa mesma comunidade busca meios para manter viva a prática de suas festas, em uma relação mútua entre festa e comunidade.

A ideia a partir de agora, posta a contextualização e as motivações que me levaram a realizar esta pesquisa, é demonstrar como a comunidade se mobiliza para fazer a festa de São Pedro pensando suas representações a partir desse evento e as inúmeras formas de manutenção de relações e sentimento de pertencimento.

## **CAPÍTULO DOIS: A FESTA DE SÃO PEDRO**

O objetivo deste capítulo é descrever a festa de São Pedro, demonstrando o processo desde as reuniões de planejamento até a derrubada dos mastros. Com isso, busco evidenciar, como a festa se apresenta enquanto um elemento de manutenção dos laços de pertencimento entre as pessoas que fazem parte da comunidade São Pedro.

Em 2018 a festa de São Pedro completou 57 anos de realização, haja vista que, a primeira foi realizada em 29 de junho de 1961 e, ao longo desse período, os festejos sofreram diversas variações. Pensando nessa flexibilidade do tradicional em relação às inovações, mudanças e transformações descrevo a festa de São Pedro a partir de seus elementos constituintes. Primeiramente demonstrando como esse evento acontece atualmente, e em um seguida mostrando suas variações, tentando relacionar mudanças e permanências e seus reflexos na vida de comunidade.

Os entrevistados que contribuíram de forma mais específica sobre o que trato neste capítulo, festa e comunidade, foram: Maria, Pedro, Henrique, André, Janete, Laura, Débora, Ramon, Sebastião e Adriano. Este grupo é composto por pessoas de faixas etárias diferentes, ativos em entidades comunitárias. Todos eles moram em São Pedro e participam ou participaram da realização das festividades religiosas na comunidade em diversos aspectos.

### **2.1. Os preparativos**

A figura 1 é uma tentativa de explicitar o ciclo da festa de São Pedro desde os preparativos até seu ápice<sup>19</sup>, no mês de junho. De acordo com Tassinari, existe nessas festas uma concepção temporal constituída por ciclos contínuos(2003: 305). Essa ideia de continuidade se apresenta com a derrubada o mastro – descrita adiante - ao mesmo tempo que marca o encerramento da festa do ano corrente, também é a renovação da promessa de realizá-la no ano seguinte. Dessa forma, parece não se ter um momento exato de início ou término.

No entanto, a cada ano as primeiras mobilizações referentes às festividades de São Pedro são as reuniões de planejamento, nas quais são definidos os responsáveis pelas diversas atividades desenvolvidas para o período, e dentro delas são discutidos os assuntos pertinentes ao evento. Tais reuniões começam, como no caso do ano de 2018, no mês de fevereiro e se estendem até o mês de junho, variando a quantidade e a frequência de acordo com a necessidade

---

<sup>19</sup> Aqui também compartilho com a ideia de Silva (2011) que realiza estudo acerca dos significados do trabalho para as pessoas que atuam nos grupos folclóricos de Manaus(AM). Segundo o qual, o Festival folclórico que acontece entre os meses de junho a outubro, representa o “ápice” (2011:113) ou a “ponta do ice berg”(2011:15) de todo um ciclo iniciado após o carnaval.

da coordenação. A primeira reunião deste ano, foi específica para tratar a contratação de uma banda musical e, no total, foram basicamente 5 reuniões com todos os responsáveis.

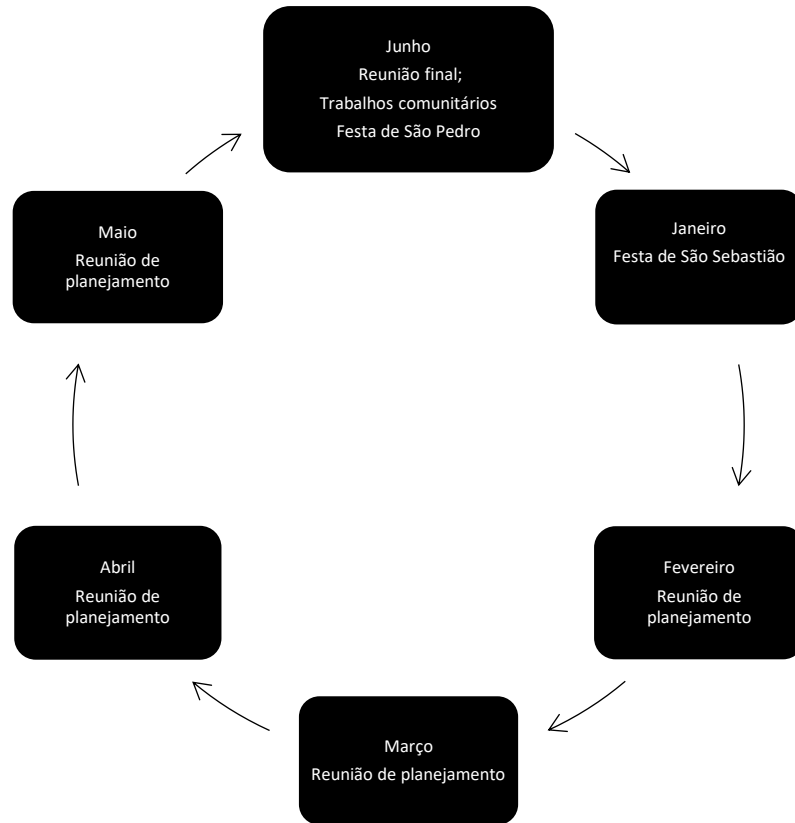


Figura 1: Cronograma da festa de São Pedro (Anjos, 2018).

Por se tratar de uma festividade com diversos eventos dentro dela, existe uma grande quantidade de papéis e responsabilidades, o que contribui para que seja necessário um número considerável de pessoas na organização. Alguns assumem a incumbência por vontade de ajudar e participar e outros por promessas com o santo, podendo uma mesma pessoa assumir mais de uma tarefa.

Alguns dos entrevistados consideram que a festa é um momento de integração comunitária, já que as entidades nela representadas se juntam, para a realização da festa. Como exemplo, toma-se a estrutura do ano de 2016 que, de forma geral, era basicamente:

Entidade/ grupo	Responsabilidade	Incumbência
-----------------	------------------	-------------

Equipe de catequese	Parte <i>religiosa</i>	Organizar a parte das procissões, missas, e dar suporte nas ladainhas.
Coordenação da comunidade	Parte <i>social</i>	Organizar a festa dançante, os arraiais, e outras questões que não seja da parte <i>religiosa</i>
Rádio comunitária	Animação e divulgação do evento	Divulgar a programação festiva, a fim de atingir também as comunidades vizinhas.
Escola São Pedro	Festival folclórico	Preparar o folclódromo e organizar o festival folclórico.
Clubes de futebol, grupos de jovens e demais entidades.	Noitários	Organizar uma celebração com ladainha durante a novena, contribuir com dinheiro ou gêneros alimentícios para a festa. Animar o arraial.
Juízes	Mastros	Organizar todas as atividades relacionadas aos mastros: buscar o tronco que será enfeitado; coletar as frutas, enfeitar, levantar e derrubar os mastros; e dar suporte na festa de maneira geral

Divididas as equipes e suas responsabilidades, a busca é pela obtenção de recursos, pois, a realização de uma festa demanda custos. E essa é uma preocupação que acompanha esse processo desde os preparativos. Existem diversas estratégias criadas para garantir fundos financeiros para o período. Uma das formas que observei durante as festas que acompanhei foi

que várias pessoas se comprometiam, em público, com a doação de valores em dinheiro ou objetos para servirem como premiação no ano seguinte.

A realização de um jogo de bingo dentro da festa denominado “Bingão do Pedrão” é um componente que possibilita, além de angariar recursos, abranger a participação na festa, pois, são distribuídas cartelas de bingo para diversas comunidades da região. Há também relatos de patrocínios de políticos como vereadores, mas de forma geral não é uma prática comum.

Os preparativos não têm apenas o componente financeiro, mas também implica na limpeza das vias públicas e melhorias na infraestrutura comunitária, evidenciando a preocupação em mostrar que, enquanto comunidade, se organizam e realizam uma festa boa (Wagley (1988) e Prado (2007)). E conforme mostrarei adiante, dentro da festa existem outras formas de obtenção de recursos e possibilidades de participação.

## **2.2 A festa de São Pedro**

Durante as festividades, a concentração maior de eventos se dá onde estão localizadas a igreja, a cozinha comunitária, e o barracão comunitário. Também se encontram nesse espaço a praça e uma quadra denominada Folclódromo Henrique Ferreira<sup>20</sup>, espaço para as apresentações folclóricas, que fazem parte da programação.

No barracão comunitário acontece a festa dançante e outras programações dentro das festividades, entre elas o Bingão do Pedrão e o show de calouros. É nesse barracão que colocam os equipamentos de som, e durante os noitários, após a ladainha acontecem bingos ou algumas pessoas se reúnem para dançar e beber.

Na praça são montadas as barracas de vendas de uma variedade de itens, com predominância de comida tais como, bolo, vatapá, tacacá, churrasco e bebidas. Durante a pesquisa observei em uma das barracas a prática de um jogo de argolas, que consistia em acertar argolas em garrafas colocadas sobre cédulas de diversos valores em dinheiro. Esse é um espaço de bastante circulação de pessoas, já que é aí que acontece a levantação e derruba do mastro, e é onde as pessoas se juntam para ver a procissão fluvial e a apresentação do Castelo.

Outros eventos que fazem parte da festa abrangem diversos espaços, pois acontecem em lugares espalhados pela comunidade, conforme será descrito adiante. No caso da visita do santo

---

<sup>20</sup> O nome do folclódromo é uma homenagem a Henrique Ferreira que foi um dos idealizadores do festival folclórico nas festividades de São Pedro, e reconhecido como um dos melhores animadores de quadrilha da comunidade. Ele também apresentava outras danças como cordão de pássaro, boi. Contribuiu muito nesse aspecto, portanto recebeu a homenagem.

às casas, a imagem é levada por um grupo que percorre as ruas da comunidade. A corrida de rabetas acontece na beira do rio no porto comunitário.



Mapa 4: Espaço de maior concentração de eventos festivos da festa de São Pedro. (Anjos, 2018).  
Fonte: Google Earth.

### 2.3 Elementos *tradicionais* da festa

Na festa de São Pedro existem alguns elementos que são apontados pelos próprios entrevistados como característicos desta. São eles: o grupo de foliões e suas músicas (Alvorada, Marabaixo), os pretos velhos, os juízes, os mastros, a ladainha e o festival folclórico.

A folia é o grupo musical específico das festas de santo, seus integrantes são denominados foliões. As músicas do repertório são de acordo com cada momento da festa. São eles que saem visitando as casas em dias definidos para arrecadar dinheiro e mantimentos. O grupo é composto por pessoas que, em sua maioria são homens idosos que aprenderam com os pais. Seu Henrique e seu José contaram que aprenderam as músicas da folia com seus pais quando ainda eram crianças. O senhor José foi por muito tempo mestre de folia e seu Henrique ocupa o cargo atualmente.

Outros componentes do grupo são mais jovens, e também, durante a minha pesquisa vi mulheres tocando algum instrumento. Não se trata de uma composição fixa e, de acordo com os foliões entrevistados (Henrique e José) os critérios para fazer parte são a disponibilidade para

o serviço e responsabilidade. Durante todo o período da festa, a folia toca pelo menos, quatro vezes ao dia: às seis horas da manhã e às dezoito, e ainda para iniciar e encerrar as ladainhas.



Foto 3: Foliões em dia de esmolação. (Anjos, 2018).

Os juízes, são responsáveis pela realização da festa, arrumação do mastro, e dos serviços, de maneira geral. Esse papel é definido, geralmente, no ato da derruba do mastro, mas também pode ser em outro momento não específico. São eles que devem convocar as primeiras reuniões de planejamento. A decisão de assumir essa responsabilidade, muitas vezes se dá por meio de uma promessa com o santo.

Outra função de quem se torna juiz é pagar a joia. De acordo com o senhor Willian;

*Cada um paga conforme o que foi concordado na reunião. [...]Na hora que vão derrubar o mastro, depois que tiram todas as bananas, eles descem com a bandeira que está lá em cima. Então a maior influência do povo é querer primeiro pegar a bandeira. Então, o primeiro pegar a bandeira é o primeiro juiz do mastro, mas tanto faz aquele que primeiro como pegue por último ou não pegue, mas ele tenha boa vontade de ser juiz, ele pode ser. Tem o mesmo direito e o mesmo valor do primeiro que pegou a bandeira. Todos tem a mesma responsabilidade. (entrevista concedida em 27/06/2016)*



Figura 4- Juízas carregando o mastro após o ritual de derrubada (Anjos, 2018).

Os pretos velhos<sup>21</sup> são personagens que se apresentam pintados com tinta preta e agem de maneira cômica durante sua atuação em torno dos mastros que estão prestes a serem derrubados. Esses papéis podem ser acumulados por uma mesma pessoa, ou seja, não existe impedimento para que um folião possa também ser juiz, ou um juiz ser um dos pretos. Segundo fui informada, não existe restrição para assumir tais responsabilidades.

---

<sup>21</sup> Sobre essa temática de forma mais aprofundada ver STOLL, EMILIE “Preto velho de Salambé, cachimbo na boca, chinelo no pé”: a “Brincadeira dos Pretos” do baixo-Tapajós (Amazônia Brasileira) GT 66 – Rituais : transformações cosmológicas e sócio-históricas X Reunião de Antropologia do Mercosur, 10 ao 13 de julho de 2013, Córdoba, Argentina.



Foto 4: Apresentação dos pretos velhos no ritual de derrubada dos mastros.(Anjos, 2018).

Os mastros, um dos homens e outro das mulheres, são dois troncos de árvore de comprimento acerca de dez metros. Envolvidos pelos organizadores por uma planta chamada vassoura e enfeitados com frutas produzidas na própria comunidade ou compradas em Santarém, tais como, abacaxi, coco, laranja, e, predominantemente, bananas. As frutas que, no tempo de enfeitar o mastro estão disponíveis na produção da comunidade são adquiridas ali mesmo, caso não haja frutas suficientes, os juízes retiram uma parte do dinheiro da joia e compram esses itens em Santarém. Os mastros são levantados no meio da praça no início das festividades e derrubados no final destas.



Foto 5: mastros levantados no meio da praça (Anjos, 2018).

O Castelo é constituído por luminárias produzidas artesanalmente, utilizam-se buruti<sup>22</sup> para fazer a base e papel celofane colorido para contornar as laterais formando pequenas caixas dentro das quais são colocadas velas. No dia vinte e nove são espalhadas no rio em frente à comunidade.

---

<sup>22</sup>Ou Buriti, uma espécie de palmeira (*Mauritia flexuosa*)



Foto 6: Luminárias do Castelo presas a objetos feitos de caranã e que são levados pelos foliões durante a procissão fluvial. ( Anjos, 2015).

A ladainha é um hino longo, em latim. Trata-se de uma repetição de frases tais como *ora pro nobis*, cuja melodia possui diversas versões. Representa um elemento importante para a identidade da festa de São Pedro, de acordo com o discurso dos próprios comunitários, principalmente por ser uma das poucas comunidades da região que preservam tal prática.

Durante o período festivo, os comunitários e visitantes são despertados com bastante barulho. Por volta de quatro e cinco horas da manhã acontece a Alvorada. Os foliões tocam seus instrumentos e cantam músicas específicas para esta ocasião. Ao término é feita a queima de fogos de artifício. Além disso, atualmente, a Rádio comunitária tem programação desde as 5:00h da manhã.

Os entrevistados foram unânimes em apontar esses elementos como *tradicionais* e fundamentais para a festa, pois, eles existem na sua composição desde os primeiros festejos realizados, mesmo que, em sua maioria não saibam contar a origem deles, afirmam que são essas coisas que tornam a festa atrativa.

## 2.4 A realização da festa

O período do dia dezenove ao dia trinta de junho é marcado pela realização da festa propriamente dita. A programação acontece de maneira gradativa, em relação aos eventos festivos. Até o dia vinte e seis a festa apresenta contornos sutis, no sentido de mobilizar menos pessoas para os noitários, por não haver programação durante o dia, com excessão de trabalhos comunitários. A parte mais intensa é evidenciada nos quatro últimos dias.

No dia dezenove de junho, por volta das 17:00h acontece a transladação da imagem de São Pedro para a residência de uma família previamente combinada, onde permanece até o dia seguinte. Essa residência pode estar localizada em qualquer ponto da comunidade, inclusive na outra margem do rio.

Durante a noite os anfitriões preparam uma pequena programação que, geralmente, inclui jogo de bingo e seresta, cujo valor em dinheiro arrecadado é doado ao santo. A devolução da imagem à igreja é feita na tarde do dia vinte, denomina-se Círio. A imagem é trazida em uma pequena embarcação e é recebida no porto comunitário por um aglomerado de pessoas que se juntam aos primeiros.

A procissão segue caminhando em direção à praça, localizada em frente à capela da comunidade para o ritual de levantamento dos mastros. Estes já estão devidamente preparados, bem como os buracos que são feitos no chão e as cordas utilizadas para puxá-los.

Então, iniciam o levantamento dos mastros que marca oficialmente o início das festividades. As pessoas se aproximam da praça, se reúnem no local em um clima descontraído no qual conversam e riem entre si. A Folia canta e toca seus instrumentos, enquanto são estourados fogos de artifícios. O momento é marcado por uma disputa para saber qual dos mastros (masculino ou feminino) será levantado primeiro, por isso o levantamento dos mastros torna-se um momento de descontração coletiva.

Quando os mastros são puxados, a disputa fica mais explícita por conta dos gritos das torcidas que se ouve até que eles sejam levantados. Enquanto isso, a praça fica tumultuada por haver o risco de acidente, caso tenha pessoas muito próximas aos mastros. Em meio à tentativa de se pôr ordem no ambiente, finalmente se conclui o ritual.

A população se dispersa e só voltam a se reunir novamente na igreja, por volta das 19:00h, pois é quando acontece o primeiro noitário, ou primeira ladainha, como dizem os comunitários (de uma forma generalizada utiliza-se a palavra ladainha para se referir a toda a parte que acontece nessas noites dentro da igreja). Noitário é como são chamadas as noites de festividade.

Durante essa primeira celebração é cantada a ladainha, ouvem e discutem um trecho bíblico que, geralmente, está ligado a história do santo São Pedro. Os catequistas enfatizam o início de mais uma festa do padroeiro e no final abre-se espaço para a família que recebeu a imagem em sua residência, entregar juntamente com a imagem, uma oferta que se dá em forma de dinheiro, animais ou donativos.

Após a “ladainha”, as pessoas se dirigem para a praça ou para o barracão onde acontece o arraial. A realização de bingo ou rifa fica a critério da entidade responsável pelo noitário. São alugadas barracas para vendas de comidas, iguarias, roupas, brinquedos e outras mercadorias. Esse aluguel das barracas é disponibilizado para pessoas da comunidade, para pessoas moram em Santarém e também para pessoas de outras comunidades. Em 2018, observei que havia uma barraca alugada para uma família da comunidade de Curi.

A animação musical contratada para o período festivo é trazido de outros lugares, mas na própria comunidade algumas pessoas possuem aparelhos de sons que também são usados para esse fim. No período de 19 a 26, os noitários acontecem basicamente nesse mesmo formato, a equipe responsável por eles opta algumas vezes por não cantar a ladainha e fazem apenas uma “celebração”, ou rezam o terço.

Nessas noites a participação dos comunitários é bastante reduzida em comparação aos quatro últimos dias e o arraial termina mais cedo, por volta das 22:00h. A pouca movimentação faz com que as pessoas retornem às suas casas ao término da ladainha. A energia elétrica na comunidade é obtida por meio de um motor a diesel, portanto, a duração da programação também depende das condições financeiras para a compra desse combustível.

Durante o dia, a movimentação mais expressiva em relação às festividades que se pode observar é na área em que se localiza a igreja, a cozinha e o barracão comunitário. Isso por que as equipes destacadas da coordenação trabalham diariamente nesses ambientes. Além disso, é articulado um trabalho de limpeza, principalmente dessa área, o convite é feito à comunidade em geral e, portanto, conta com a participação de mais pessoas.

Somente a partir do dia vinte e cinco que os dias começam a ter mais atividades referentes à devoção e entretenimento. Nesse dia se dá início à Esmolação, que é a visita do santo às casas acompanhado dos foliões. Em 2017 acompanhei a equipe, que estava formada por dez pessoas, identificadas por uma camisa estampada com a imagem do santo e duas ou três pessoas que apenas acompanhavam. Dois homens levavam as bandeiras, uma branca e outra vermelha, além de um instrumento reco-reco nas mãos, uma moça e outro homem também levavam esses instrumentos. Os outros três integrantes do grupo musical levavam dois tambores

maior, um menor e um chocalho. Três pessoas, um homem e duas moças recebia as doações, anotavam em um caderno e conduziam um carrinho de mão.

No dia marcado, o grupo pede licença e adentra a residência que está devidamente preparada. Nas casas que acompanhei, foram visitas muito rápidas, cerca de dez minutos, mas esse tempo pode variar. A imagem do santo ia à frente, carregada pelo último que o havia recebido em sua casa. Era seguido por dos dois homens com as bandeiras que, ao chegar na porta da casa, faziam movimentos circulares com estas sobre o santo.

Os donos das casas arrumam uma espécie de altar com uma mesa ganhando destaque das outras zonas da casa. A mesa é coberta por uma toalha (não foi identificada uma cor predominante), um vaso com flores coloridas (tanto naturais quanto artificiais) e também compõe o altar, uma vela acesa. Usam como imagem do santo, uma réplica, pois a original é guardada na capela. O santo, as bandeiras e os outros componentes adentram a casa e uma vez instalado o santo no altar, sem prévio aviso, os foliões começam a cantar. Ao término da música guiada pelo mestre da folia, o senhor Henrique que é quem porta o tambor menor, o ambiente ganha informalidade. Após Henrique cumprimentar o anfitrião e falar acerca do propósito da visita, seguem momentos de distração, aonde a conversa atinge outros assuntos, dependendo da relação daquelas pessoas. Em seguida, é oferecido um lanche ou um café aos visitantes<sup>23</sup>.

A formalidade é retomada quando a folia canta outra música para se retirar, o dono da casa agradece e entrega sua doação ao santo, ou se desculpa, caso não tenha nada para doar e, novamente o folião fala se despedindo e abençoando a casa. Então, todos saem carregando a imagem para entregar na casa seguinte.

Na Corrida do círio, que ocorre no dia vinte, há uma disputa entre atletas amadores que devem percorrer um trajeto preestabelecido. A inscrição para participar nessa corrida se dá mediante doação de um quilo de alimento não perecível, tais como arroz, açúcar, macarrão e leite, por exemplo, que servirão para abastecer a cozinha comunitária.

A noite do dia 27 é marcada pela realização do Show de calouros. Atrai uma quantidade razoável de pessoas para prestigiar o evento que ocorre dentro do barracão comunitário. Concorrem candidatos nas categorias infantil e adulto. A programação nessa noite se estende até pouco depois de meia noite, quando são divulgados os resultados dos vencedores.

No dia 28 acontece a corrida de rabetas, uma competição na qual disputam os prêmios em dinheiro, condutores de canoas e botes com motores de popa, divididos em duas categorias: masculino e feminino. A equipe organizadora desse evento demarca o trajeto no rio sinalizando

---

<sup>23</sup> Dessas variações acrescento que vi, uma residência em que foi oferecido um litro de bebida alcoólica aos foliões, além do lanche e em 2017, dona Maria ofereceu almoço aos integrantes do grupo.

com boias e varas com bandeirolas. Forma-se um aglomerado de pessoas para assistirem as disputas, cuja programação se estende até por volta de meio-dia.



Foto 7: Comunitários aguardando o início da corrida de rabetas. ( Anjos,2014)

O Festival folclórico acontece após a ladainha do dia vinte e oito. É uma competição entre danças folclóricas diversas tais como quadrilha, carimbó, mistura de ritmos, dança do boto entre outras. Apresentam-se danças da comunidade São Pedro bem como de outras comunidades da região. As disputas se estendem pela madrugada.

No dia vinte e nove acontece o torneio de futebol que, reúne times da comunidade e também das comunidades vizinhas. Após às dezessete horas acontece um sequência de eventos que marcam o encerramento da parte *religiosa*, a procissão fluvial que é particular da festa desse santo, considerado pela igreja Católica como padroeiro dos pescadores. O percurso no rio em frente à comunidade, é feito por várias embarcações de diversos tamanhos, sendo que, uma delas leva a imagem.

Nos barcos, canta-se e soltam-se muitos fogos de artifício e na praça, em frente à igreja, outras pessoas se reúnem para assistir. A Folia acompanha a procissão em uma canoa, enquanto cantam o Marabaixo, dois de seus integrantes manuseiam duas bandeiras, uma branca e uma vermelha fazendo movimentos de acordo com a letra da música.



Foto 8: Equipe responsável pela apresentação do Castelo e Foliões. ( Sousa, 2015).

Finalmente a procissão segue para a Baixinha, porto comunitário, que fica em direção à ponta do Pedrão. Aqueles que não fizeram o trajeto nas embarcações, se dirigem a pé em direção ao ponto de desembarque, onde todos se encontram e caminham até a capela. Em uma celebração preparada especialmente para esse dia é cantada a última ladainha.

Enquanto a procissão fluvial vai se retirando para um lado da comunidade, do outro lado uma equipe já se apronta para a apresentação do Castelo. Canoas com algumas centenas de luminárias são levadas para o meio do rio. Os organizadores começam a soltá-las na água e formam um cenário peculiar de um dos momentos mais esperados dessa festividade.

Após a parte que acontece dentro da capela, as pessoas ocupam a praça, a área do barracão e os arredores. Enquanto aguardam o início do Bingão, o movimento de pessoas é intenso, já que os visitantes vindos da cidade ou de outras comunidades que compraram as cartelas de bingo também estão presentes. A sequência da programação é dada com o início da festa dançante, para a qual a coordenação, por meio de equipe específica, contrata uma banda musical para animar a noite. Essa festa se estende até o amanhecer.

Na manhã do dia 30, por volta das seis horas da manhã é iniciada a apresentação dos pretos velhos. É composta por algumas pessoas (de idades variadas) pintadas com tinta preta

que representam uma família, o pai, a mãe e os filhos. Eles saem de uma casa, que fica no meio da comunidade e caminham em direção à praça em que se encontra o mastro. Durante o percurso eles vêm agindo de maneira cômica utilizando de objetos simples para fazer isso, por exemplo, uma velha máquina calculadora serve como telefone, ou uma boneca que é sempre carregada pelo grupo que é apresentada como o bebê da família.<sup>24</sup>

Até chegarem a seu destino, os pretos-velhos provocam muitas gargalhadas e conseguem atrair um número considerável de curiosos. O texto é improvisado, pelo que pude perceber nas vezes que presenciei e também notei que não é fixo o número de participantes, vi entre cinco e oito pessoas, incluindo crianças. Os foliões vêm jutar-se a eles e quando chegam à praça além de sujar as pessoas com a tinta que lhes cobre o corpo, os pretos velhos tentam impedir que alguém suba no mastro e, ainda disputam as frutas jogadas de cima dele.

A encenação continua enquanto se prepara a derrubada dos mastros, pois assim como o levantamento, a derrubada dos mastros é um momento de disputa e descontração. A praça fica cheia e tumultuada mesmo depois de uma noite de dança e bebida, várias pessoas vão prestigiar esse ritual.

Duas pessoas, um homem e uma mulher, são destacados para subir nos mastros e fazer a retirada das frutas. Devido o tempo que ficam no mastros as frutas amadurecem, e os que sobem alternam entre guardar uma parte e jogar a outra para quem está embaixo. Essa brincadeira ritualizada causa disputa e descontração, pois todos querem pegar as frutas.

Após essa retirada, procede-se a derrubada dos mastros, para o qual os juízes e juízas são chamados para dar um golpe de machado. É um momento que os organizadores da festa aproveitam para fazer agradecimentos e as pessoas presentes se divertem no Folclódromo juntando-se aos pretos velhos. Aos poucos as pessoas vão se dispersando, parte dos barcos anunciam sua partida e restam na cozinha comunitária algumas pessoas da organização. O movimento encerra por volta de meio-dia.

A festa da varrição/ festa da moeda acontece na noite do dia trinta. Foi criada para que aqueles que dedicaram todo o seu tempo para a festa possam ter um momento de diversão com a comunidade. As bebidas que ainda restam são vendidas muito abaixo do preço normal. Um animador dita as brincadeiras nas quais uma cerveja, por exemplo, pode valer uma moeda de um centavo.

---

<sup>24</sup> No desenrolar das cenas é feita a apresentação de cada personagem dos pretos velhos, o batizado das crianças, e até mesmo um parto que simula o nascimento da boneca.

## 2.5 Tradição e inovação

### 2.5.1. Variações ocorridas na festa

De acordo com Prado, o tempo de festa é um momento de divertimento, bem como de transcendência da rotina, constituindo “um tempo especial normalizado por regras que divergem das que imperam no dia-a-dia” (2007: 116). A isso, a autora acrescenta que torna-se um momento de possibilidade para o novo, ou seja, para criação.

A inserção e modificação de elementos constituintes da festa de São Pedro, pode afirmar essa ideia de novidade na comunidade. O mastro e os pretos velhos foram práticas trazidas de outras festas que já aconteciam na localidade Barreirinha e na residência da família Lopes (ambas localizadas na outra margem do rio). O mastro feminino, a corrida de rabetas e a corrida do círio estão entre as incorporações mais recentes, acompanhadas de mudanças na forma de realização de alguns dos eventos mais antigos.

Apresento os elementos que foram citados ao longo da pesquisa como mudanças na realização da festa, cujas alterações também podem ser pensadas como formas de adequações ao contexto da comunidade, conforme descrito a seguir:

#### 2.5.1.1 Esmolação

A esmolação que, atualmente, está limitada às casas da própria comunidade, era feita de maneira diferente e mais abrangente. De acordo com o relato escrito do senhor Pedro Santana:

*Em 10 de fevereiro de 1947, uma comissão fez uma peregrinação com a imagem de São Sebastião para arrecadar recurso financeiro, a fim de construir a segunda capela. Só no dia 5 de março a comissão retornou para a comunidade trazendo consigo 1.700 Cr\$(mil e setecentos cruzeiros)*

Esse trecho indica uma prática que fazia parte dos preparativos das festividades na comunidade São Pedro. Essa peregrinação relatada nele não era voltada para a festa, mas os entrevistados mais idosos contaram que era feita também para arrecadar recursos para a promover festa de São Pedro. O único meio de transporte mais acessível e condizente com a situação era canoa movida a remo. Portanto, a equipe se deslocava para as comunidades ao longo do rio Arapiuns e precisavam ficar longos períodos fora. As últimas viagens se deram cerca de vinte anos atrás, e existe, por parte dos atuais foliões intenção de retomá-las.

Outra variação que precisou ser feita nesse componente festivo foi em 2016, quando precisou ser modificada a data de início dessas visitas. Isso por-que aumentou o número de casas na comunidade, conseqüentemente a demanda também fazeno com que optassem pela antecipação.

### 2.5.1.2 Castelo

Com relação às luminárias que compõem o Castelo a mudança se deu por conta da substituição do material para a fabricação. Antes, eram produzidas com casca de laranja da terra, banha de porco e um murrão (fio grosso ou tecido). D. Débora contou que a mudança se deu por conta de uma promessa do seu marido com o santo, cerca de doze anos atrás:

*[...] No tempo que ele foi acidentado no peito ele fez uma promessa, por que o médico disse que ele tinha dias contados pra viver, e ele conversou com São Pedro, que se ele conseguisse a saúde dele, que não fosse preciso ele se operar do coração, ele ia fazer a transformação nesse castelo[...] e foi que ele fez de papel celofane, buruti, tala de injá e a vela que ainda tá até hoje. Deve estar com uns 12 ou 13 anos.(Débora , entrevista concedida em 23/06/2016)*

### 2.5.1.3 Mastro feminino

Inicialmente havia apenas um mastro para a realização dos rituais de levantação e derruba. Porém, foi inserido um mastro feminino. Desde então existe uma disputa em todo o ritual representado de um lado pelos homens e do outro pelas mulheres.

### 2.5.1.4 Corrida do círio, corrida de rabetas e natação

A corrida do círio, foi inserida como uma alternativa para obtenção de materiais, especificamente, para abastecer a cozinha comunitária no período da festa e é uma forma de atrair participação de jovens na programação. Natação também é outra modalidade de competição que vem sendo realizada e está em sua terceira edição, acontece antes do início da corrida de rabetas.

A corrida de rabetas, assim como a corrida do círio, atrai participantes de São Pedro e também de outras comunidades. Isso reflete uma alteração ocorrida no cotidiano dos moradores da região, pois o uso em maior escala de motores de popa em substituição ao remo se tornou realidade pós anos 2000.

## 2.6 Elementos que deixaram de fazer parte

Os entrevistados citaram outros elementos que deixaram de fazer parte dos festejos, por exemplo, os leilões e matança de pato, conforme o relato:

*Hoje já não existe mais matança de pato, e nem o leilão que quando eu era criança existia, faziam muito leilão e era uma coisa muito interessante assim, que parece que, animava as pessoas. Quando aparecia alguma coisa pra colocar no leilão as pessoas sentiam vontade de ajudar, né? Por que o leilão, ele é um meio de você ajudar, vai vários preços das coisas, e a pessoa fica com vontade de participar na animação que*

*a outra pessoa ta animando. E hoje não tem mais isso por que não tem uma pessoa que faça[...]* (Débora, entrevista concedida em 23/06/2016)

Observei a existência de uma negociação que permeia esse momento e está relacionada ao interesse em manter a festa acontecendo, que faz necessário adequá-la de modo a atender os diversos públicos da comunidade. Isso fica evidenciado na ideia de valorizar as práticas antigas e mais voltadas para o religioso, e ao mesmo tempo colocar atividades que contemplem os mais jovens, como é o caso das competições (corrida de rabetas, corrida do círio), danças folclóricas e festa dançante.

A descrição da festa de São Pedro evidencia seu processo até a realização da festa propriamente dita e suas possibilidades enquanto formas de participação, uma vez que a multiplicidade de elementos festivos demanda serviços de várias pessoas, para que seja mantida sua forma. Nesse sentido, o período festivo apresenta-se como propício a uma relação de mão dupla estabelecida entre a manutenção do tradicional e a inovação pelo próprio grupo reformulando ano após ano a existência desse evento tomado como referência para a vida coletiva.

### **CAPÍTULO 3- “ COMUNIDADE TEM QUE TER FESTA”**

Neste ponto, busco uma retomada daquilo que apresentei nos capítulos anteriores ( história da comunidade, a festa de seu padroeiro, sua cadeia de eventos e relações sociais) pensando os reflexos dessa construção do pertencimento e as representações sobre vida de comunidade.

No que diz respeito às mudanças, essas, são encaradas, sobretudo pelos mais velhos, como forma de enfraquecimento ou descaracterização daquilo que seria o autêntico. É recorrente o discurso de que os jovens não estão interessados em aprender para garantir que a festa não se acabe. E isso também se ouve sobre a vida de comunidade. Os argumentos mobilizados giram entorno da forma como se vivia antigamente: antigamente se vivia mais como vizinhos, compartilhando o que tinham e doando-se mais para o serviço comunitário.

Conforme a proposta de Hobsbawn e Ranger (1984), a vinculação com o passado faz parte da invenção das tradições, e esse passado não é, necessariamente, distante. Portanto, ao tomar a festa de São Pedro como uma tradição inventada, percebe-se a forte ligação com o passado, como argumento para justificar a manutenção do que se estabeleceu como tradicional, mesmo que, para isso, seja preciso permitir espaço para a inovação.

No ano de 2015, um discurso feito na capela durante um noitário, anunciava a chegada de uma rádio FM, a notícia foi muito bem recebida, enfatizando-se a importância dela para a coletividade. Contudo, ao mesmo tempo que celebravam a chegada de algo novo, ressaltavam a importância de manter os elementos mais antigos, tais como a folia e a ladainha cantada em latim que, naquele momento, destacavam a ameaça de se perder. O discurso seguia no sentido de mostrar essas práticas como marcador de diferença para a comunidade de São Pedro em relação às outras.

Nogueira, faz referência à complexidade que caracteriza as festas populares, uma vez que estas rompem com as noções de tempo e espaço e contemplam em si o passado, o presente e o futuro e “por isso se mantêm como manifestações que exprimem um sentimento coletivo, que não unanimidade, mas uma complexidade, da qual extraem argumentos e forças para ressignificar permanentemente” (2008: 202).

Os discursos produzidos a respeito da preservação da festa em continuidade ao que foi iniciado há muitos anos na comunidade pelos avós ou pais dos atuais comunitários, direciona para um aspecto abordado por Halbwachs (2006), a memória coletiva. Este autor demonstra que as lembranças são afetadas pelo convívio social de forma que a memória, por mais

individual que possa parecer, sempre permanece coletiva. Nesse sentido pode-se observar a fala do senhor Willian:

*No meu ver, a vida de comunidade é uma associação onde a gente se entendesse, onde a gente vivesse mais ou menos. Como vizinho, um do outro, participando dos trabalhos, não só trabalhos comunitários, mas também trabalhos individuais, plantando e produzindo alguma coisa pra progredir. Assim crescia aquelas famílias, assim aconteceu aqui. [...] mas naquele tempo que começou a gente se entendia, trabalhava juntos, todos viviam unidos. Mas agora que aumentou muita gente o negócio complicou. (entrevista concedida em 27/06/2016)*

A partir da memória, eles enraízam elementos na sua história e suas representações sobre ser comunidade agregando isso como parte dessa identidade compartilhada.

Considero que fazer a festa acontecer e as múltiplas formas de relações estabelecidas dentro do festejo demonstram uma forma de manutenção do sentimento de pertencimento, esse, por sua vez, age como elemento que impulsiona a cumprir sua promessa coletiva, que garantem parte de sua própria reprodução enquanto sociedade.

Conforme se pode observar no processo de se fazer a festa, as noções de comunidade e pertencimento (apresentadas no primeiro capítulo) permeiam esse momento de modo a possibilitar análises da própria estrutura social. Para Tassinari (2003), nessas ocasiões de festas, de forma sintetizada, ficam explícito os laços de sociabilidade e o reforço do sentimento de unidade e permitem a compreensão da própria cultura.

Silva e Hespanhol ao classificarem os estudos sobre comunidade em clássico e contemporâneo, ressaltam a importância de se discutir o conceito dentro de ambas as abordagens, haja vista que, as comunidades rurais apresentam características tanto daquela considerada clássica quanto da contemporânea configurando-se como dinâmicas cuja influência advém de fatores internos e externos (2016: 366).

Estas mesmas autoras citam Tönnies (1947 e 1973) que relaciona as características da comunidade “a três gêneros: a) parentesco; b) vizinhança; e c) amizade. O parentesco relaciona-se aos laços de sangue e à vida comum em uma mesma casa. A vizinhança caracteriza-se pela vida em comum, em que a proximidade contribui para um sentimento mútuo de confiança e solidariedade. A amizade está ligada aos vínculos criados nas condições de trabalho ou no modo de pensar”.

Assim, ao observar as comunidades do município do Catalão (GO), as autoras demonstram uma noção de comunidade que abarca a discussão clássica, ou seja considera a homogeneidade, base territorial e o sentimento de localidade. Bem como a perspectiva contemporâneas que considera as diferenças individuais, além de considerar o pertencimento à distância, ultrapassando a base territorial como critério essencial para a sua existência.

Nesse sentido, a definição de comunidade considerada neste trabalho, apontada por Neves (2008) ao colocar os significados atribuídos ao termo comunidade como situacionais e, ao mesmo tempo estabelecendo critérios (concepção geral de agregado populacional, residência em território geralmente contíguo, integrado por uma experiência e um destino social construídos enquanto comuns) se apresenta como pertinente à comunidade São Pedro.

Considerando que a comunidade se reconhece enquanto comunidade, no sentido de espaço em comum, construção coletiva, mas também enquanto referência de pertencimento e identificação de um grupo cujas experiências compartilhadas fazem com que seja construída uma ideia de vida em comum, sem que o território, seja obrigatoriamente critério fundamental.

A ideia de vida em comum como sinônimo de comunidade foi ganhando espaço ao longo da pesquisa ficando evidente que comunidade, para os entrevistados, é também um modo de vida. E, esse entendimento do viver em comunidade/comum direciona para uma diversidade de formas de concretizar essa vivência que, de forma geral pode resumir-se em viver em comum e participar da coletividade. A partir de suas experiências e representações foi possível aproximar a compreensão do que se constrói acerca do sentido de comunidade em São Pedro. De acordo com o relato:

*Viver em comunidade [...]o nome já diz: viver comum. Viver em comunidade é a gente se ajudando, tanto faz nos trabalhos, em tudo que tem dentro de uma comunidade, pra poder desenvolver a comunidade, lutando por um objetivo só em busca de conseguir as coisas pra comunidade pra melhoria da comunidade. Participando também de tudo que tem dentro da comunidade, nos movimentos, colaborando com a parte financeira também. [...] Eu participo, às vezes nos trabalhos comunitários, em todas as coletas que tem eu ajudo.(Laura, entrevista concedida em 23/06/2016)*

Este outro relato acrescenta à vivência em comum, o serviço voluntário e a vontade de buscar melhorias para a coletividade:

*Comunidade é várias pessoas de qualquer idade, penso eu que gente vive construindo uma coisa que a gente constrói junto. Acho que comunidade é ter esse olhar, é ter esse espírito, onde várias famílias possam viver bem, possam construir juntos e possam estar sempre vivendo esse termo comum, viver uma certa coletividade. Se ajudando, tendo esse espírito comunitário, por que o espírito comunitário de um comunitário é a gente se doar para construir alguma coisa, pra gente fazer alguma coisa na comunidade, seja, por exemplo, seja na igreja, seja nos meios de comunicação que hoje nós temos, seja na escola, entendeu? Um trabalho pela comunidade, um trabalho que não é remunerado e exige da gente uma certa disponibilidade, e a gente quando começa a fazer isso a gente começa a gostar. São essas coisas que faz a gente se envolver nessas entidades que hoje tem. É a vontade de a gente querer as coisas pra comunidade e a gente conseguir coisas do tipo que a comunidade necessita. E a gente, então se joga. Deixa muita das vezes até a família, pra gente assumir certos compromissos, mas que depois possa alegrar o povo, pra que o povo possa ver os resultados dessa disponibilidade. (André, entrevista concedida em 26/06/2016).*

As formas participação que mais apareceram nas falas dos entrevistados foram: participação em trabalhos comunitários, tanto no período das festas dos santos, quando

acontecem os trabalhos de limpeza e organização das vias públicas e dos espaços a serem utilizados, assim como em outros momentos definidos pelos representantes da comunidade. Assim como, colaborar com as coletas, que podem ser de dinheiro, combustível, alimentos ou qualquer outro item que seja estabelecido de acordo com a situação.

Outra forma de participação considerada foi a contribuição com ideias nas reuniões comunitárias. No caso específico das festas, as reuniões de planejamento carecem de alternativas e sugestões em diversos pontos referentes à realização do evento, portanto, cabe aos comunitários participarem dessa ocasião inicial.

A realização da festa e todo seu processo, abre espaço para que a participação na comunidade se estenda àquelas pessoas que não moram mais ali. Quando se pensa em fretar barcos para trazer as pessoas até a festa, algumas famílias, geralmente residentes em Santarem, se disponibilizam para fretar, divulgar as datas de saída e retorno da embarcação. Assim a equipe da coordenação da festa não precisa lidar com esse tipo de questão e conta como forma de ajuda. Além disso, várias pessoas, se comprometem com o patrocínio para premiação de bingos, torneio de futebol, corrida de rabetas e show de calouros.

Dessa forma, mesmo que os mais velhos argumentem que a vida de comunidade não acontece da forma como eles foram acostumados com seus pais, esse período festivo parece despertar para o que se entende por viver em comunidade em São Pedro. E não é somente uma aproximação entre os comunitários e sua comunidade, mas o momento de festejo também possibilita aproximação intercomunitária.

Durante as festividades que presenciei, por exemplo, os noitários dos dias vinte e seis e vinte e oito no ano de 2015 ficaram sob a responsabilidade das comunidades vizinhas de Curi e Nazário, respectivamente. Essas visitas são uma forma de participação na programação festiva e acontecem quando uma comunidade, a convite da comunidade São Pedro, fica responsável por organizar e executar um dos noitários. Na data marcada uma embarcação vinda desses lugares trazendo um grupo que representa a comunidade vizinha realiza uma pequena celebração com ladainha e deixa uma quantia em dinheiro para colaborar com as festividades. Essa relação configura uma troca, isso por que se cria um dever de repor a visita no momento da festa do outro.

No ano de 2015, os pretos velhos da comunidade de Bom Futuro foram convidados a participar do ritual na derruba dos mastros. No momento em que eu ouvia as conversas entre organizadores, fiquei sabendo que alguém já se encontrava nessa outra comunidade para prestigiar a derruba do mastro de lá e acertar melhor essa vinda. As pessoas que organizaram

a apresentação daquele ano decidiram que seria uma boa oportunidade para trocar experiências e resolveram convidá-los.

Nesse sentido, Prado considera que a ampliação do espaço físico se dá em decorrência da distensão das fronteiras humanas. Esta autora afirma que a festa “é o tempo em que o distante vira próximo, tanto no sentido espacial quanto no humano” (2007: 117). No sentido humano por que a vinda de pessoas para a comunidade, para prestigiar os festejos provocam um alargamento das fronteiras sociais. Aqueles que saíram da comunidade para morar em outros lugares veem a festa como um momento oportuno para visitarem seu lugar de origem, rever a família e os amigos, para reavivar laços antigos e formar novas alianças.

### 3.1. A importância da festa para a vida de comunidade

Nesse ponto, a festa pode ser pensada como um ritual, tomando como referência Turner (1974), apontando para a direção em que o evento festivo serve para relembrar e reafirmar valores internos e mantê-los. Em São Pedro, ao fazer parte da festa, os comunitários criam suas próprias ideias acerca de suas experiências e o reflexo disso na sua vida comunitária.

Principalmente aquelas pessoas que estavam mais presentes no trabalho da festa mostravam-se insatisfeitas com o pouco comprometimento por parte de outros. E era nesses momentos que percebia o ideal de ser comunitário e viver em comunidade, que, segundo o que argumentavam, requer responsabilidade e nem todos querem assumir. Assim, ao passo que definiam o que é ser um comunitário demonstravam também o oposto disso, a partir da participação na realização da festa.

Quando iniciei esta pesquisa, em minha primeira ida ao campo, cheguei no meio de um trabalho, no qual, um grupo se dividia em limpeza das ruas, (capinando e varrendo) e preparação dos enfeites e bandeirolas para ornamentar o ambiente. Como me aproximei da equipe da ornamentação, enquanto eu trabalhava na confecção das bandeirolas, ouvi a conversa entre duas mulheres, que não passava de um assunto de família. O comentário tomou o seguinte rumo: a dedicação àquelas atividades era tanta que os filhos já estavam reclamando a falta de atenção em casa. No entanto, ela dizia que sua intenção era ensiná-los *como se vive em comunidade, pois é preciso participar para que a comunidade evolua. Tem pessoas que se dizem comunitários, mas não querem participar. Além disso, faço isso por que gosto*<sup>25</sup>. (trecho da fala de Débora).

---

<sup>25</sup> Não se trata de entrevista, mas de anotações que fiz nessa fase que consistia em observações do ano de 2015.

Essa fala chamou minha atenção para a reflexão sobre a representação de comunidade e pensei em explorar mais esse aspecto da festa que seria abordar a importância dela para a comunidade, mas também para a formação do sentido de viver em comunidade.

Alguns dos entrevistados se referem à festa como motivação para a permanência na comunidade. Pois, de acordo com a senhora Janete, trabalhar para que o evento aconteça permite que *se sintam mais comunitários*. (trecho da entrevista feita com D. Maria, 47 anos, que trabalha diretamente na coordenação da festa há bastante tempo e é membra de várias entidades na comunidade)

Outro comunitário disse que *comunidade sem festa é como se fosse uma comunidade morta, comunidade tem que ter festa!* (trecho da entrevista feita com o senhor João, 64 anos, sempre trabalhou pela comunidade e pela festa, também faz parte de várias entidades na comunidade).

É evidente que a festa se apresenta como um momento propício para reforçar a memória coletiva e o sentimento de pertencimento da comunidade, pois nesses momentos de reunião e aglomeração comunitária são feitos discursos que relembram fatos e pessoas consideradas importantes para a comunidade. Aproveitam para citar as pessoas que não residem mais no local e que colaboram de alguma forma, ou aquelas que trabalharam pela comunidade e já faleceram.

Neste capítulo, o desafio foi demonstrar como uma festa de santo católica realizada na comunidade, se apresenta como um elemento que ajuda a reforçar o sentimento coletivo de pertencimento, considerando a heterogeneidade do lugar. Haja vista que, busquei apontar as múltiplas formas de relações estabelecidas na festa de São Pedro, mobilizando o grupo e como essa festa se torna uma referência para a comunidade, as diversas possibilidades de participar e se sentir parte de uma comunidade por meio do processo de realização dos festejos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo antropológico foi construído no sentido de compreender a constituição dos processos que possibilitam a construção, reprodução e manutenção dos laços de pertencimento entre as pessoas que se consideram parte da comunidade São Pedro. A inquietação surgiu a partir de uma situação em que ex-moradores da comunidade, reunidos em Manaus, formaram uma associação, AFASP, e passaram a produzir meios para angariar recursos e ajudar na construção da nova capela comunitária.

A partir disso, a busca pelo entendimento do que move esse tipo de atitude coletiva à distância serviu como mola mestra desta análise. Dentre as formas de demonstrar o sentimento de pertencimento e produzir representações acerca do que é viver em comunidade, tais como, associação, festas de clubes de futebol, páginas em redes sociais e festas de santos, esta última apresentou-se como momento privilegiado neste estudo, conforme também estudado por Tassinari (2003). A realização da pesquisa se deu por meio de visitas à comunidade, entrevistas com idosos e com pessoas que atuaram ou ainda atuam na comunidade e na organização da festa.

A comunidade de São Pedro teve seu início no final dos anos 1930, cujo marco inicial é uma epidemia de paludismo que afetava a região. Um dos moradores do entorno da atual comunidade fez uma promessa a São Sebastião e como pagamento convidou as outras famílias da vizinhança para construírem uma capela para o santo e, em seguida adquiriram uma imagem do mesmo. No ano de 1961 decidiram realizar outra festa para o santo São Pedro, levando em consideração que o lugar recebeu o nome dele.

Com o passar dos anos, a festa de São Pedro foi ganhando elementos, *parte social e religiosa*, que contribuíram para que tomasse proporções maiores, que aquela dedicada a São Sebastião, que conta apenas com a *parte religiosa*. Principalmente os mais velhos afirmam que São Pedro é o *padroeiro ou dono do lugar* e São Sebastião é o *padroeiro da igreja*.

Portanto, foi essa festa de São Pedro que serviu como pano de fundo para a minha análise e, apoiada em autores que já apresentaram discussões acerca do sentido de comunidade tais como Neves (2008) e Freixo (2009) aponto para as formas de se entender comunidade ou vida de comunidade em São Pedro.

Demonstrei que, dentro da comunidade não se tem apenas católicos, mas também adeptos da denominação Assembleia de Deus. Além disso, parte das famílias se autoreconhece indígena e outra parte não o faz, o que não compromete a vida em comunidade e nem a

realização dos festejos. Essas diferenças são colocadas em segundo plano em relação à noção de comunidade e o sentimento de pertencimento.

A festa de São Pedro acontece no período de dezenove a trinta de junho. No primeiro dia é feito o traslado da imagem para uma residência na comunidade e a devolução acontece no dia seguinte à capela, momento este denominado Círio. Na ocasião da chegada são levantados os mastros na praça e à noite é cantada a primeira ladainha em latim.

As festividades seguem até o dia vinte e seis a realizando os noitários com ladainha e opcionalmente, uma pequena programação no barracão comunitário. A organização dos noitários é distribuída entre as entidades e grupos representados na comunidade. A divisão das tarefas e distribuição de responsabilidades acontecem nas reuniões de planejamento realizadas nos meses que antecedem a festa propriamente dita.

A partir do dia vinte e sete a comunidade recebe mais visitantes, tanto comunitários como pessoas de comunidades e cidades vizinhas que vem prestigiar a festa. E dentro da programação são planejados mais eventos voltados à devoção e ao entretenimento para os quatro últimos dias de festa. O encerramento da parte religiosa se dá com a procissão fluvial e apresentação do Castelo, seguidos de uma celebração com ladainha na capela.

A parte social se estende até do dia seguinte com apresentação dos pretos velhos e a derrubada dos mastros. À noite encerra toda a programação com a festa da varrição/festa da moeda, da qual participa principalmente aqueles que trabalharam durante toda a festa os moradores da comunidade, uma vez que, os visitantes deixam a comunidade após a derrubada do mastro. Nesse ritual de derrubada, são escolhidos juizes da festa, ou seja os responsáveis pela festa do ano seguinte e, portanto a festa é tomada como um processo em que não é simples definir o início e o fim, concordando com o que é proposto por Tassinari(2003 )

Demonstrei que, atualmente a festa é constituída de uma variedade de elementos que foram sendo incorporados a ela ao longo dos anos, e essa inserção se dá numa espécie de negociação entre a tradição e a possibilidade de inovação e conforme Nogueira (2008), as festas populares conseguem abarcar o passado, o presente e o futuro, o que as torna complexas nesse sentido.

Ao descrever a festa de São Pedro, desde as reuniões de planejamento até a derrubada do mastro, evidencia-se que no desenrolar do processo festivo é reproduzida e reforçada a noção de comunidade. A partir do seu histórico fica explícito que o entendimento acerca do que é comunidade inicialmente está atrelada a espaço de moradia, mas que também se desenvolve naquele grupo uma noção que extrapola essa delimitação de espaço e ganha sentido de pertencimento. Esse aspecto possibilita que, aqueles que já não residem no local mantenham

laços com a comunidade e participem da festa não apenas como divertimento, mas assumam responsabilidades dentro da própria organização.

Por fim, ressalto que, em São Pedro as representações do que é comunidade estão presente nas ações e na fala dos moradores e estão fortemente atreladas às formas de relação construídas e vivenciadas entre eles.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, L. E. C. . **Festas, Festas de Santo: rituais amazônicos**. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2001, Campo Grande-MS, 2001.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever**. In. O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 2000.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de . **Tradições devotas, lúdicas inovações: o sairé em múltiplas versões**. Sociol. Antropol. Rio de Janeiro, v. 06-01: 237-259. Abril 2016

CASTRO, Janio Roque Barros de. **Concepções de festa, os sentidos do festejar e as dimensões socioeconômicas, culturais e lúdicas das festas juninas**. In: Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano [on line]. Salvador: EDUFBA, 2012, PP.39-84, ISBN 978-85-232-1172-1. Available from SciELO books <<http://books.scielo.org>>

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1978

FORTES, Meyer. Festivais rituais e coesão social no interior da costa do ouro. . In: Ritual e Performance 4 estudos clássicos (Cavalcanti, M. L. org.). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

FREIXO, Alessandra Alexandre. Da “fazenda” à “comunidade”: espaços-tempos que se enraízam na região sisaleira da Bahia. In.: cadernos de campo, São Paulo, n. 18, p. 1-352, 2009

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2ª ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL. 1976.

\_\_\_\_\_ **Vida religiosa do caboclo da Amazônia**. Boletim do Museu Nacional, nº 15, 29 de Abril de 1953.

HALBWACHS, Maurice 1877-1945. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 224 p

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HOBBSAWM, Eric & Ranger, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IORIS, E. M. Identidades Negadas, Identidades Construídas: Processos Identitários e Conflitos Territoriais na Amazônia. *Ilha. Revista de Antropologia (Florianópolis)*, v. 11, 2010.

LUÍNDIA, Luiza Elayne Azevedo. **Festas, festas de santo: rituais Amazônicos**. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro, 2001 Carvalho, 2016),

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular**. In: *Norte Ciência*, vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).

Maués, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia- Belém: Cejup, 1995. 517 p.*

NEVES, Delma Pessanha. *Organização comunitária e ação política: os ribeirinhos e o Movimento de Educação de Base*. In: *Desenvolvimento social e mediadores políticos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, 2008.

NEVES, Delma Pessanha. *Organização comunitária e ação política: os ribeirinhos e o Movimento de Educação de Base*. In: *Desenvolvimento social e mediadores políticos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, 2008.

Nogueira, Wilson. *Festas amazônicas- boi-bumbá, ciranda e sairé*. Manaus. Editora: Valer, 2008. (série memórias da Amazônia)

Oliveira, Nemuel da Silva. *Estudos de comunidades e Ciências sociais no Brasil*. *Revista Sociedade e Estado*. Volume 26 número 3 setembro/dezembro 2011

PRADO, Regina de Paula Santos. *Todo ano tem: as festas na estrutura social camponesa*.- São Luís: EDUFMA, 2007.

Silva e Hespanhol. *Discussão sobre comunidade e características das comunidades rurais no município de catalão (GO)*. *Soc. & Nat.*, Uberlândia, 28 (3): 361-374, set/dez/2016

SILVA, Alvatir Carolino da. **Festa dá trabalho: as múltiplas dimensões do trabalho na organização e produção de grupos folclóricos da cidade de Manaus**. Manaus: Edua, 2011.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá**. São Paulo: EDUSP, 2003.

TURNER, Victor. **Planos de classificação em um ritual da vida e morte.** In: \_\_\_\_\_ O processo ritual: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974

VAZ, Florêncio Almeida. **Os conflitos ligados à sobreposição entre terras indígenas e a Resex Tapajós-arapiuns no Pará.** In: ruris| volume 7 , número 2 | setembro 2013

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar.** In. Nunes, Edson de Oliveira- A aventura sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos.** São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 3 ed. . 1988 .

## APÊNDICES

### APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADO NA OBTENÇÃO DE DADOS PARA A PESQUISA.

Objetivos:

\*História da comunidade;

\*Festa: formas de participação; condições para participação da organização da festa; elementos que constituem a festa; recursos para festa; faccionarismos e conflitos; mudanças na festa; associação

1. Nome / idade / desde quando na comunidade / se já viveu, mesmo que por pouco tempo, fora da comunidade / caso sim, onde? / Se não mora mais na comunidade, não mora desde quando? / Se não nasceu, mora nela desde quando? / casado / filhos / nível de instrução (se estudou? Até que ano?) / atividade econômica (trabalho) / se participa de alguma instituição ou entidade (associação, cooperativa, sindicato, igreja, etc)
2. Quando começou a comunidade? (surgimento da comunidade)
3. Quem eram os primeiros moradores? (De onde vieram essas pessoas)
4. Por que o nome da comunidade é São Pedro?
5. O que você entende por “viver em comunidade”?
6. De que forma você participa/participou da comunidade?
7. Você conhece a festa de São Pedro?
8. O que você acha da festa? (Importância)
9. Quando começaram a festejar São Pedro?
10. Por que festejar São Pedro?
11. Quais elementos constituem a festa?
12. Você participa ou já participou da organização da festa?
13. De que forma?
14. Se não participou, qual (is) o (s) motivo(s)?
15. Quem organiza a festa?
16. Você já foi juiz da festa? (caso sim, quantas vezes?)
17. Qual o papel dos juízes na festa?
18. Qual a origem dos pretos na festa de São Pedro?
19. E do castelo?
20. E da Folia e foliões?

21. Quais as comunidades que participam da festa de São Pedro? (formas como outras comunidades participam da festa)
22. De que forma a comunidade se organiza para conseguir recursos para a festa?
23. A comunidade recebe apoio financeiro de alguém ou instituição externa, como um padrinho, por exemplo?
24. Houveram muitas mudanças na realização da festa ao longo dos anos?
25. Se sim, qual (is) foi (foram) as mais notadas por você?
26. Qual a relação dos católicos com os evangélicos na ocasião de festa?
27. E a questão dos indígenas com os não indígenas?
28. Você conhece a associação Filho e Amigos de São Pedro?
29. Se sim, Qual a relação da associação com a comunidade?
30. Quem criou a associação?
31. Por que criar e manter uma associação numa cidade distante da comunidade?

### **APÊNDICE B- PERFIL DOS ENTREVISTADOS**

**José**, 89 anos, aposentado. Participa desde o início da comunidade. Participou de muitas festas em São Pedro, já atuou como presidente da comunidade e foi mestre de Folia.

**Ana**, 79 anos de idade, aposentada, casada, mãe de 8 filhos. nasceu na comunidade, mora em Santarém desde 1997. Juntamente com seus filhos e sobrinhos fundaram a ASFAP e esteve atuante durante todas as atividades da entidade como mediadora em Santarem.

**Elisa**, 75 anos, estudou até a 8ª série aposentada, mora em Santarém desde 1996, mas até hoje colabora financeiramente com a festa. Trabalhou na comunidade como professora e ajudava nas festividades.

**Vera**, 71 anos de idade, 9 filhos, viúva aposentada. Atualmente é juíza da festa e colabora da forma que pode para a realização da mesma.

**Willian**, 83 de idade, aposentado, viúvo, pai de oito filhos. Nasceu na localidade Barreirinha e só depois se mudou para a comunidade. Já morou na cidade de Santarém. Tem residência em São Pedro, mas também na comunidade Braço Grande. Atualmente faz parte da equipe de catequese.

**Daniela**, 85 anos de idade, viúva, aposentada, estudou até a 5ª série. Nasceu na casa Morena, ponta da Saracura-Arapiuns, onde hoje é a comunidade de São Miguel mudou-se para a comunidade São Pedro desde que casou. Possui residência na comunidade Braço Grande e passa mais tempo lá atualmente.

**Leide**, 89 anos, aposentada, casada, 11 filhos. Nasceu na localidade de São Luiz.. Já foi juíza na festa por vários anos. Reside atualmente na cidade de Santarém.

**Maria**, 65 anos, aposentada, viúva, 11 Filhos, estudou até a 5ª série. Nasceu na comunidade, mas já morou em Santarém para estudar e trabalhar. Atualmente não participa ativamente de nenhuma entidade comunitária, diz que sua participação se dá muito mais na parte religiosa, e quando mais jovem ajudava também em outros trabalhos. Ainda participa dos festejos, até recentemente, no ano de 2015 fez parte da equipe responsável pelos pretos velhos.

**Pedro**, 64 anos, aposentado, casado, 10 filhos, nunca frequentou a escola, estudou apenas numa cartilha em casa. Nasceu na comunidade e sempre morou nela. Trabalha na lavoura. Faz parte da associação comunitária (AMORASP), é diretor sindical (STTR) e catequista. Sempre trabalhou na comunidade, já foi presidente da comunidade por dois anos, e diz que contribui em tudo o que pode. É filho de Laurindo Miranda, um dos primeiros moradores de São Pedro.

**Naldo**, tem 54 anos de idade, casado, 8 filhos, cursou até a 4ª série. Trabalha na lavoura e aluga seu barco para a prefeitura para o transporte escolar. Nasceu na comunidade, mas morou por 14 anos na comunidade de Cutilé e também morou em Santarém um período curto. Atualmente mora em São Pedro é associado à TAPAJOARA, faz parte da rádio comunitária e da catequese e já participou do grupo de Folia.

**Claudio**, 25 anos, já morou fora da comunidade por um tempo. Servidor público ( Agente Comunitário de Saúde)

**Henrique**, 69 anos, aposentado, casado, 8 filhos, trabalha na agricultura e é associado ao sindicato dos trabalhadores. Faz parte do grupo da Folia e ajuda nos trabalhos comunitários.

**André**, 23 anos, solteiro, ensino médio completo e trabalha na agricultura com os pais. Nasceu na comunidade, morou 3 meses em Manaus. É Membro da rádio comunitária, coordenador da juventude da região do Arapiuns, participa de um dos grupos de jovens da comunidade, catequese.

**Janete** de 51 anos de idade, solteira, ensino Médio Completo. É funcionária pública (auxiliar de enfermagem). Nasceu na comunidade e sempre morou nela. Participa de diversas formas na realização a festa.

**Laura**, 52 anos de idade, casada, 9 filhos, no ano que foi realizada a entrevista estava concluindo a EJA, ensino fundamental- 7ª e 8ª série. Nasceu na comunidade, morou em Manaus por um curto período quando era adolescente. Suas atividades econômicas são a agricultura e o artesanato. Se autorreconhece como indígena, é a atual cacique e também Agente Pastoral da Saúde.

**Flávia**, universitária, nasceu na comunidade, já saiu para morar em Santarém várias vezes desde a adolescência, militante do movimento indígena. Sua entrevista foi realizada em agosto de 2017, com perguntas pontuais sobre a trajetória do movimento indígena em São Pedro.

**Débora**, 47 anos, casada, 8 filhos concluindo o ensino fundamental pela EJA. Trabalha na lavoura (roça) e costura. Nasceu na comunidade, mas já morou por uns sete anos fora. Participa da grupo de jovens Juventude Unida de São Pedro (JUSP), zeladora da igreja, sócia do sindicato(STTR), grupo de remédio caseiro, catequista, associação da comunidade (suplente do secretário). Se autorreconhece como indígena e seu esposo já foi cacique.

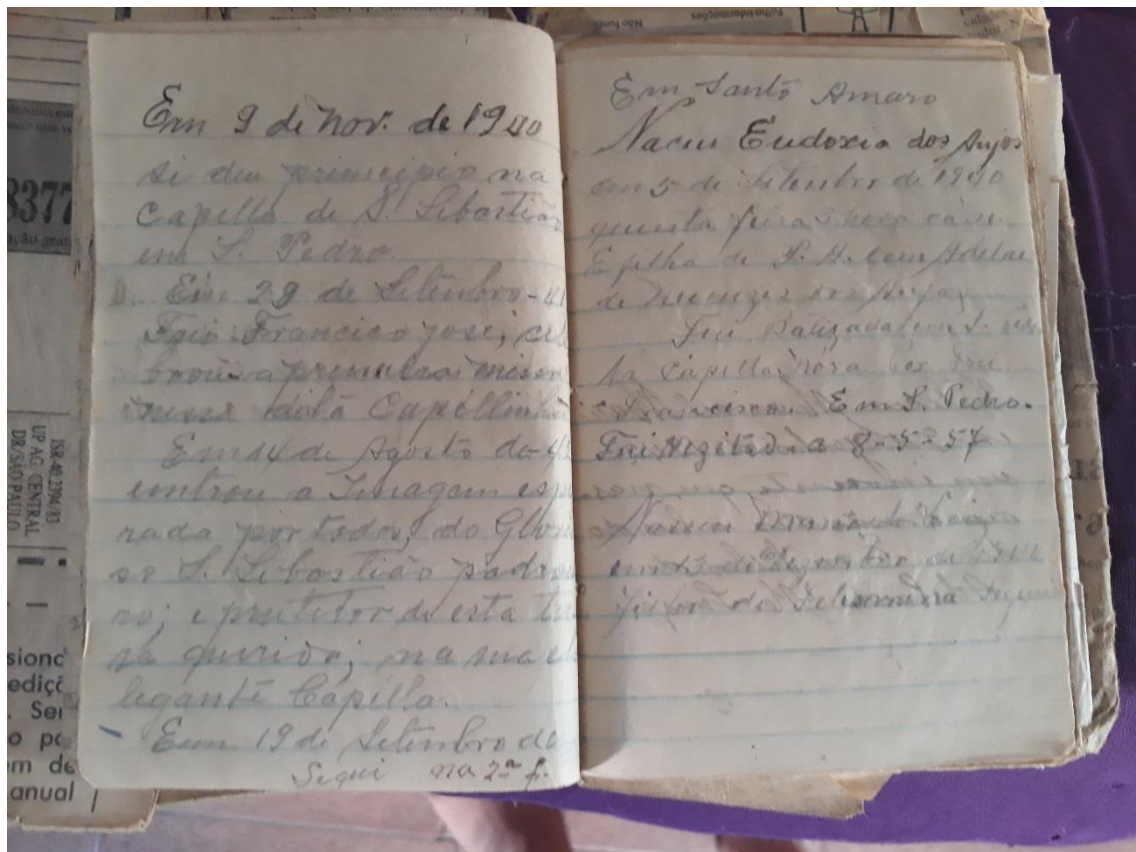
**Ramon**, 26 anos, solteiro, professor na escola indígena, se autorreconhece como indígena. Mora na comunidade, mas morou por 7 anos para estudar. É formado em Biologia.

**Sebastião**, casado, três filhos. Mora na comunidade há dez anos veio da comunidade São Geraldo localizada no Baixo Tapajós.

**Adriano**, casado, 69 anos estudou até a 4ª série. Mora desde 1990 na comunidade Veio de Belém para trabalhar na empresa Santa Isabel. Já foi presidente da comunidade.

## ANEXOS

### ANEXO A- ESCRITOS DO SENHOR PEDRO SANTANA.



ANEXO B- ESCRITOS DE DONA VERA, BASEADOS NOS ESCRITOS DO  
PAI, PEDRO SANTANA.

"Histórico"

No ano 1939, a população sofria uma doença conhecida na época como paludismo.

Para se livrarem dessa doença, um homem católico, chamado Rodopiano Tomberiba, fez uma promessa a São Sebastião. Ele o primeiro promissor foi responsável próprio, para adquirir a imagem do santo que mais tarde se tornou o Padroeiro do povoado.

O Rodopiano comitou as vizinhanças, a construir uma igreja do Santo. Formamos uma comissão de representantes compostas com as seguintes pessoas:

- Rodopiano Tomberiba
- Balbino Guimarães (Comerciante)
- Pedro Santana dos Anjos
- Saurindo Miranda
- Antonio Sarmiento (Antonino)

A primeira capela foi construída, em 09 de Novembro de 1940, enquanto não tinha a imagem de São Sebastião, foi colocada na capelinha a imagem de São Miguel, venerada por dona Inês, esposa de Balbino Guimarães. Os fiéis começaram fazer orações nos sábados e domingos.

Em 29 de Setembro de 1941, chegou Frei Francisco José, para celebrar a primeira missa naquela capelinha. No mês de Agosto de 1942, chegou a esperada imagem

de São Sebastião. Logo no seguinte mês, no dia 19 de setembro, numa 2ª feira, chegou Frei Raimundo. Logo no outro dia, 20 de setembro, fez a primeira missa com a presença da imagem de São Sebastião.

Neste mesmo dia consagraram os casamentos, e no outro dia 21 mais um casamento. A primeira festa de São Sebastião foi celebrada no dia 26 de setembro de 1943 presidida por Frei Francisco José, com grandes presenças de párocos católicos do Baixo e Alto Arapiunz e do Bago Grande da Franca.

A segunda festa foi celebrada no dia 29 de setembro de 1944, presidida por Frei Francisco José. Nesta festa já teve luz elétrica, 2 leilões, e muitas vendas.

Na mesma ocasião teve 13 casamentos e muitos batizados. Em 28 de junho de 1945 houve-se pela primeira vez o Sino tocado, anunciando a Ave-Maria na capela de São Sebastião. Em 10 de fevereiro de 1947 uma comissão fez uma peregrinação com a imagem de São Sebastião para arrecadar recurso financeiro a fim de construir a segunda capela.

Já no dia 05 de março a comissão retornou para a comunidade trazendo consigo 1.700 cr\$ mil e setecentos cruzeiros.

A festa nesse ano foi celebrada no dia 05 de outubro de 1947.

O primeiro Presidente eleito na comunidade, foi a pessoa;

Pedro Santana dos Anjos, foi nomeado em 1948. O primeiro dia de trabalho na comunidade foi dia 13 com a presença do presidente e todas as famílias e pessoas de outros lugares. A obra durou por 2 meses, a nova igreja foi feita de palha, e a festa deste ano 1948 foi celebrada na nova igreja, presidida por José Raimundo.

Nesta festa foi celebrada pela 1ª vez a primeira Eucaristia.

O Presidente formou-se uma diretoria para iniciar a construção de outra igreja.

Isso que eu sei

## "Ritual em homenagem aos negros"

Uma das cerimônias que anualmente se realiza nas festividades de São Pedro no Rio Arapiuns, e o ritual das danças dos pretos (negros) fonte histórica de São Brasil Império.

Em homenagem ao Deus da fartura, hoje simbolizado pelo mastros de frutas, exposto em frente a igreja de São Sebastião. Onde todos os anos se realiza esse ritual. No ano de 1918 já se realizava esse ritual na localidade de Vila Franca onde está situado um dos maiores símbolos da nossa história a "Guerra da Cabanagem". Nos anos 30 foi realizado pela 1ª vez na localidade Barririnha nas proximidades da residência do Sr. Antônio Sarmento, com a criação da comunidade de São Pedro, com um ano de sua fundação foi realizado o ritual onde se mantém até os dias de hoje. Os primeiros homens que realizaram este ritual nesta comunidade foram os já falecidos:

Jorge Cardozo (Barúca)

Como preto velho:

Cirilo Lopes - preto velho (Yatú)

Júlio Cardoso (Cacêty)

Raimundo Sarmento

Des dos primeiros anos foram realizado em frente as igrejas. E como a tradicional festa de São Pedro se realiza no período

gunino. O ritual é realizado para dar encerramento da festa.

Nos anos anteriores eram oferecidas bebidas típicas da época como:

Tarubá, tibórna, maniguera aos pretos e aos comidades, e em seguida era servida a refeição somente aos pretos. Esta tradição que se conserva até hoje. Nos dias de hoje novas gerações estão surgindo, como destacamos aos senhores:

Daniel S. dos Anjos (Gapim)

Graciliano dos Anjos (Cachimbo)


Catarino Ferreira (Catito)

José Araújo (Pretinho)  
e outros mais

O homem faz a história, a história precisa ser vivida, mas para ser vivida precisa ser conservada.

Por isso fomos designados a dar-lhes continuidade ao futuro da nossa geração

## ANEXO 04- FOLDER COM PROGRAMAÇÃO E CONVITE DA FESTA.

<p><b>JUIZES - 2017</b></p> <p><b>Mulheres:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Mary Raissa dos Santos Garcia.</li> <li>✓ Margareth Sead.</li> <li>✓ Miraci Sarmento.</li> <li>✓ Mailde Vieira.</li> <li>✓ Regiane Miranda.</li> <li>✓ Ivete Sousa.</li> <li>✓ Juliana Rodrigues.</li> <li>✓ Larissa Rodrigues.</li> <li>✓ Fabiana Fonseca.</li> <li>✓ Ivaneide Rodrigues.</li> <li>✓ Matica Mota.</li> <li>✓ Edna Mota.</li> <li>✓ Silvia Miranda.</li> </ul> <p><b>Homens:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Maylon Raian dos Santos Garcia.</li> <li>✓ Sebastião Miranda.</li> <li>✓ Ercules Mota.</li> <li>✓ Abraão Correia.</li> <li>✓ Domingos dos Anjos</li> <li>✓ Pedro Paulo dos Anjos Sarmento.</li> <li>✓ Ray Cruz Reis.</li> <li>✓ Pablo Rener.</li> <li>✓ Aldenerio do Carmo Carvalho.</li> <li>✓ Ivaldo Sousa.</li> <li>✓ Graciliano dos Anjos.</li> <li>✓ Junior Fonseca.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ CORRIDA DO CÍRIO: Daleusso dos Anjos.</li> <li>✓ FOGOS: Junior</li> <li>✓ BARRACAS: Jordan Sarmento.</li> <li>✓ MÚSICA: Manoel Sarmento.</li> <li>✓ JOIA: Ivete Sousa.</li> <li>✓ SEGURANÇA: Manoel Sarmento.</li> <li>✓ TORNEIO: Antonio Imbiriba.</li> <li>✓ ORGANIZAÇÃO DA PROCISSÃO: Loriele Pereira.</li> <li>✓ MASTROS: Sebastião Miranda.</li> <li>✓ CASTELO: Quadra I, II, III, Claudete, Francisca, João Batista.</li> <li>✓ COMUNICAÇÃO: José Rodinei e Manuel Sarmento.</li> <li>✓ DIVULGAÇÃO: Rádio Floresta.</li> <li>✓ FOLIA: Emar dos Santos</li> <li>✓ ORNAMENTAÇÃO: Coral.</li> <li>✓ LITURGIA: Catequese.</li> </ul> <p><b>MEMBROS DA COORD. AMPRASP - 2017</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <b>Presidente:</b> Manoel Sarmento.</li> <li>✓ <b>1º Secretário:</b> Benezildo.</li> <li>✓ <b>2º Secretário:</b> Andreilino.</li> <li>✓ <b>1º Tesoureiro:</b> Rivelino.</li> <li>✓ <b>2º Tesoureiro:</b> Sebastiana Rita.</li> <li>✓ <b>D. Social:</b> Claudete.</li> <li>✓ <b>D. Comunicação:</b> Joniclei Nunes.</li> <li>✓ <b>D. Infraestrutura:</b> Valdicei.</li> <li>✓ <b>Conselho Fiscal:</b> Inês, Olário, Jordan.</li> </ul>	<p><b>FESTIVIDADE DO GLORIOSO</b></p> <h1>SÃO PEDRO</h1> <p>19 A 30 DE JUNHO DE 2017</p>  <p><b>TEMA:</b> GLORIOSO SÃO PEDRO, AJUDA-NOS A CULTIVAR EM DEFESA DA COMUNIDADE</p> <p><b>LEMA:</b> PRESERVAR A CRIAÇÃO PARA AS FUTURAS GERAÇÕES</p> <p>Comunidade São Pedro - Rio Arapiuns - Santarém - Pa</p>
<p><b>RESPONSÁVEIS - 2017</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>BAR: Diolando Vieira.</li> <li>✓ AÇOUGUE: Manoel Corrêa</li> <li>✓ COZINHA: AMPRASP</li> <li>✓ SHOW DE CALOURO: Rivelino Viana.</li> <li>✓ FOLCLORE: Escola São Pedro.</li> <li>✓ CASAL CAIPIRA DA 3ª IDADE: Edilene Pereira.</li> <li>✓ BINGÃO: Genivaldo dos Anjos.</li> <li>✓ CORRIDA DE RABETA: Rádio Floresta e Telecentro Cultural.</li> </ul>	<p><b>AGRADECIMENTO</b></p> <p>Associação de Moradores – AMPRASP</p> <p>A todos que de boa vontade colaboraram para o maior brilhantismo da Festa, os nossos sinceros agradecimentos.</p>	

<p><b>Convite</b></p> <p>A Comunidade "São Pedro", rio Arapiuns, sente-se honrada em convidar sua família, as comunidades vizinhas para participarem da referida festa, que será realizada no período de 19 a 30 de junho do corrente ano, a qual terá a seguinte programação.</p> <p><b>PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>19/06: Às 15:00hs, a imagem de São Pedro será trasladada da Comunidade São Pedro, para o Sítio Jatobá do Sr. Ovidio e família, acompanhada de uma equipe de folia, onde será recebida às 17:00 hs, com salvas de fogos. À noite, às 19:00 hs, será cantada a ladainha, leitura da palavra de Deus e reflexão, na responsabilidade da equipe de catequese de São Pedro.</li> <li>20/06: Círio.</li> <li>21/06: Juventude de São Pedro.</li> <li>22/06: Crisma.</li> <li>23/06: Rádio Floresta 91.5.</li> <li>24/06: Puxirum.</li> <li>25/06: Clube Sacrificio.</li> <li>26/06: Dizimo.</li> <li>27/06: Equipe da Unidade Básica de Saúde. - Após a Ladainha, show de calouros e apresentação dos casais caipiras da 3ª Idade.</li> <li>28/06: Comunidade Curi. Danças folclóricas. Pela manhã corrida de rabeta.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>29/06: Festa do Padroeiro. Missa às 08:00hs. Almoço dos idosos às 11:30hs. Torneio de futebol às 10:00hs. As 17:00hs Procissão fluvial, após a procissão haverá a apresentação do castelo. As 19:30hs cerimônia de encerramento da festa religiosa. As 20:30 Bingão com a seguinte premiação: <b>1ª quina</b>, R\$ 100,00. <b>2ª quina</b>, R\$ 100,00. <b>3ª quina</b>, R\$ 100,00. <b>4ª quina</b>, um rak de madeira. <b>Cartão cheio</b>, R\$ 1.000,00. As 23:00hs baile dançante com as bandas Fama Show e banda Ritmus.</li> <li>30/06: Às 06:00 hs da manhã, Dança dos Pretos e Derrubada do Mastro, encerrando assim toda a programação da Festa, com a relação dos novos Juizes da Festa do Ano de 2018.</li> </ul> <p>Obs.: Convidamos todos os proprietários de barcos, clubes de futebol, danças folclóricas, calouros para participarem das programações dos dias 27, 28, 29 e 30 de Junho.</p> <p><b>Colaboradores do Show de Calouros</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Gilmar Fonseca.</li> <li>✓ Recanto dos Amigos (Braço Grande).</li> <li>✓ Jana Jordão.</li> <li>✓ Barraca do Tacacá (Delza Cardoso).</li> <li>✓ Maria Viturina.</li> <li>✓ Zezinho.</li> <li>✓ Maurenice Mota.</li> <li>✓ Edani Silva.</li> <li>✓ Lucelia Sarmento.</li> <li>✓ Daniel dos Anjos e família.</li> </ul>	<p><b>Colaboradores da Corrida de Rabeta</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Barraca J. M.</li> <li>✓ Brasileirinho Bar.</li> <li>✓ Bacuxi do Arena.</li> <li>✓ Arapiuns F. C.</li> <li>✓ Mercaria da Área.</li> <li>✓ Nova Esperança F. C.</li> <li>✓ Nalbinho Show.</li> <li>✓ Silvio Miranda.</li> <li>✓ Eliete e Família.</li> <li>✓ Conceição e Família.</li> <li>✓ Antônio Fox.</li> <li>✓ Darilson Sarmento.</li> <li>✓ Chácara do Rosa.</li> <li>✓ Recanto dos Amigos.</li> <li>✓ Fama do Arrocha.</li> <li>✓ Juliana Rodrigues.</li> <li>✓ Mercaria R.R.N.V.</li> <li>✓ Marilândia Sousa.</li> </ul> <p><b>Colaboradores da Corrida do Círio</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ João Cardoso.</li> <li>✓ Luis Sarmento.</li> <li>✓ Michele Cristina.</li> <li>✓ Rui Luis.</li> <li>✓ Andreilino.</li> </ul> <p><b>Colaboradores do Folclore</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Azarias.</li> </ul> <p><b>Colaboradores do Bingão</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ João Guimarães.</li> <li>✓ Cleuci Cardoso.</li> <li>✓ Francisca dos Santos.</li> <li>✓ B/M Eliaquim Juan - Ivanira.</li> <li>✓ Umbora Lá Empreendimentos.</li> </ul>
--	---	--

**ANEXO 05- LISTA DE ASSOCIADOS À AFASP EM 2007**

